

Elmo Molica Júnior

**ANÁLISE TÉCNICO-TÁTICA DAS COPAS DO MUNDO
DE FUTEBOL EM 2002, 2006 e 2010**

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2011

Elmo Molica Júnior

**ANÁLISE TÉCNICO-TÁTICA DAS COPAS DO MUNDO
DE FUTEBOL EM 2002, 2006 e 2010**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Treinamento Esportivo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Treinamento Esportivo.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Juan Greco

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2011

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me iluminou em cada pensamento, consulta e escrita. A minha querida esposa (Ana Paula) que sempre foi e será minha companheira, minhas irmãs (Juliana e Daniela), também a meus pais (Elmo e Maria Francisca) que desde cedo me incentivaram nos estudos e em tudo que decidi fazer, e ainda a meus dois filhos (Arthur e Luca) que chegaram nos dias da conclusão deste trabalho e me dão força para superar cada obstáculo da vida e fazer com que eu lute a cada dia.

Epígrafe

“Futebol se joga no estádio? Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua, futebol se joga na alma.
A bola é a mesma forma sacra, para craques e
pernas de pau, mesmo a volúpia de chutar,
na delirante Copa do Mundo ou no árido espaço
do morro, são vôos de estátuas súbitas,
desenhos feéricos, bailados. De pés e troncos
entrançados, instantes lúdicos: flutua o jogador,
gravado no ar- afinal, o corpo triunfante
da triste lei da gravidade”

(Carlos Drummond de Andrade)

Agradecimentos

O primeiro agradecimento deve ser destinado ao nosso pai, o pai que está no céu e nos conduz a caminhos de sucesso. Foi Ele que colocou na minha vida está pessoa maravilhosa que é minha esposa (Ana Paula), que me acompanha em todos os momentos, que é guerreira e me incentiva nesta caminhada e que me deu a maior felicidade de todas, o privilégio de ser pai, ainda mais de dois ao mesmo tempo, obrigado minha pequena. A minha família que me proporcionou momentos de aprendizado a cada dia, além de minhas irmãs devo citar meu pai e minha mãe em especial, que vieram do interior para trabalhar em Belo Horizonte, ainda menores de idade e construíram uma família maravilhosa, que com toda dificuldade fizeram de tudo para nos oferecer o melhor da educação e respeito.

Não posso deixar de citar o futebol, que me oportunizou conhecer o mundo, pessoas, culturas, crescimento como ser humano e que hoje me oferece também a oportunidade de aprender no meio acadêmico, pois se não fosse por ele não estaria inserido no aprendizado teórico e científico que os estudos oferecem. Também agradeço a todos professores da graduação e especialização pelos ensinamentos e em especial ao Professor Pablo Juan Greco pela orientação e conselhos.

A todos, o meu muito Obrigado!

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS

Figura 1: Classificação dos esportes de cooperação/oposição.....	27
Quadro 1: Análise descritiva de gols á favor da Copa do Mundo de 2002.....	48
Gráfico 1: Distribuição de gols do Brasil em 2002.....	50
Figura 2: A dimensão estratégico-tática.....	30
Quadro 2: Análise descritiva de gols á favor da Copa do Mundo de 2006.....	48
Gráfico 2: Distribuição de gols da Alemanha em 2002.....	50
Figura 3: Sistema de jogo de 1930 e WM inglês.....	35
Quadro 3: Análise descritiva de gols á favor da Copa do Mundo de 2010.....	48
Gráfico 3: Distribuição de gols da Itália em 2006.....	51
Figura 4: Sistema de jogo da Hungria 1954 e Brasil 1962.....	35
Quadro 4: Análise descritiva de gols sofridos da Copa do Mundo de 2002.....	49
Gráfico 4: Distribuição de gols da França em 2006.....	52
Figura 5: Evolução dos sistemas de jogo 1970 e 1974.....	36
Quadro 5: Análise descritiva de gols sofridos da Copa do Mundo de 2006.....	49
Gráfico 5: Distribuição de gols da Espanha em 2010.....	52
Figura 6: Sistemas utilizados na década de 80 e 90.....	37
Quadro 6: Análise descritiva de gols sofridos da Copa do Mundo de 2010.....	49
Gráfico 6: Distribuição de gols da Holanda em 2010.....	53
Figura 7: Evolução dos sistemas de jogo a partir do ano 2000.....	37
Quadro 7: Número de faltas, cartões dos finalistas do mundial 2002.....	54
Gráfico 7: Porcentagem dos gols dos campeões e vices.....	55
Figura 8: Sistema de jogo utilizado pelo Brasil, Copa do Mundo 2002.....	39
Quadro 8: Número de faltas, cartões dos finalistas do mundial 2006.....	54
Gráfico 8: Porcentagem do total de gols do três mundiais.....	56
Figura 9: Sistema utilizado pela seleção alemã, Copa do Mundo 2002.....	40
Quadro 9: Número de faltas, cartões dos finalistas do mundial 2010.....	54
Gráfico 9: Porcentagem de faltas dos campeões e vices.....	56
Figura 10: Sistema de jogo utilizado pela Itália, Copa do Mundo 2006.....	41
Quadro 10: Número total de faltas e cartões durante os três mundiais.....	54

Gráfico10: Porcentagem de cartões dos campeões e vices.....	57
Figura 11: Sistema de jogo utilizado pela França, Copa do Mundo 2006.....	42
Figura 12: Sistema de jogo utilizado pela Espanha, Copa do Mundo 2010.....	43
Figura 13: Sistema de jogo utilizado pela Holanda, Copa do Mundo 2010.....	44

SUMÁRIO

RESUMO	10
1. INTRODUÇÃO	12
1.1 História do futebol.....	12
1.2 História do Futebol no Brasil.....	13
1.3 História das Copas do Mundo.....	15
1.4 Objetivo Geral.....	17
1.4.1 Objetivo Específico	17
1.5 Justificativa.....	17
2. REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 Características do Jogo.....	19
2.1.1 Resistência.....	20
2.1.2 Força.....	21
2.1.3 Velocidade.....	21
2.1.4 Flexibilidade.....	22
2.1.5 Coordenação.....	23
2.1.6 Mobilidade.....	23
2.1.7 Fatores psicológicos.....	24
2.1.8 Classificação do jogo.....	25
2.1.9 Tática.....	28
2.1.10 Técnica.....	30
2.1.11 Variáveis decisivas.....	31
2.1.12 Sistemas táticos.....	33
2.1.13 Evolução dos sistemas táticos.....	34
3. METODOLOGIA	46
3.1 Caracterização do estudo.....	46
3.2 Amostra.....	46
3.3 Variáveis	46
3.4 Instrumento para coleta de dados	47
3.5 Procedimento de coleta de dados.....	47

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
4.1 Análise dos resultados.....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo realizar uma análise técnico e tática das trajetórias dos seis últimos finalistas das três últimas Copas do Mundo de futebol (2002, 2006 e 2010). Descrevendo, explicando e documentando o número de gols, faltas e cartões aplicados durante todo o torneio, ainda analisando os sistemas de jogo de cada seleção, além da distribuição de gols por funções dos atletas em campo. A importância deste estudo se relaciona com a importância que se outorga do maior evento futebolístico do mundo. Sua análise revela a evolução de determinadas variáveis e possibilita contribuir para uma oferta de informações técnico-táticas aos profissionais e pessoas envolvidas com o futebol. Utilizou-se dados do índice técnico pesquisados no site da FIFA e do trabalho de Ribas (2010), além dos jogos finais analisados em dvd. Foram analisadas e pesquisadas 39 partidas, além de catalogar o número total de gols, faltas e cartões dos mundiais de 2002, 2006 e 2010. Conclui-se que teve um decréscimo no número de gols do mundial de 2002 para o de 2010, mas não detectou-se qualquer relação com a diminuição dos gols com o número de faltas, pois as mesmas diminuíram do primeiro mundial analisado para o último, ocorrendo um aumento somente no mundial de 2006. Mas observou-se um aumento no número de cartões aplicados mesmo com a diminuição no número de faltas, talvez pelos árbitros terem aumentado o rigor na punição das infrações ou pelas faltas cometidas terem sido mais rigorosas em vista do aumento das disputas.

Palavras Chave: Copa do Mundo de futebol, gols, faltas, técnica, tática.

ABSTRACT

The purpose of this study was to do a technical and tactical analysis of the course of action of the last 6 final competitors of the three last Football World Cups (2002 – 2006 – 2010). It describes, explains and documents the amounts of goals, fouls and cards delivered during all the tournament, still analyzing the game systems of each selected team, in addition to the distribution of goals according to the athletes' functions in the playing field. The importance of this study is related to the importance that is given to the world greatest football event. Its analysis shows the evolution of certain variable features and makes it possible to contribute for the offer of some technical and tactical information to the professionals and other people related to football. Data from the technical index researched in Fifa's site and from the Ribas's work (2010), besides the final games analyzed in DVD were used. 39 matches were analyzed and researched and also the total number of goals, fouls and cards from the world tournaments of 2002, 2006 and 2010 were catalogued. It is concluded that in the World Cup tournament there was a decrease in the number of goals from 2002 to 2010. However, no relation was detected between the decrease of goals and the amount of fouls because the last ones diminished from the first world tournament that was analyzed up to the last one. There was an increase only in the 2006 tournament. It was observed that the number of cards that were delivered increased even with the decrease in the number of fouls maybe because the referees have raised the punishment level of the infringements or because the fouls that were committed have been severer, compared to the higher number of games.

KEY WORDS: football world cup, goals, fouls, techniques, tactics

1 - INTRODUÇÃO

1.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL

O futebol é um esporte apaixonante, ele exerce um fascínio inexplicável na população, sendo ele capaz de reunir e igualar as classes sócio-econômicas mais desenvolvidas, com as menos favorecidas. Busca-se uma explicação do gosto do brasileiro pelo futebol, alguns entendem que pela facilidade de praticá-lo, outros que é a maneira mais rápida de se obter o sucesso profissional, mas a maioria pratica-o simplesmente por amá-lo. Uma breve análise de como este esporte surgiu mostra sua grandeza, busca-se a origem do seu aparecimento e conseqüentemente sua evolução.

Pela paixão que o futebol desperta no público algumas controvérsias sobre as primeiras práticas deste desporto geram incertezas sobre seu surgimento. A China é dita como o berço do futebol, mas coube aos ingleses a verdadeira fama sobre sua criação.

Destaca-se ainda o surgimento de um esporte na Grécia antiga, onde gregos jogavam bola com bexiga de boi, coberta com uma capa de couro, era chamado EPYSKIROS. Romanos praticavam um esporte com bola chamado HARPASTUM. Na França o jogo de bola era conhecido como SOULE, e na Itália o CALCIO eram os jogos que predominavam, mas com um conteúdo de muita violência no jogo. A grande transição é quando esse esporte atinge as Escolas Superiores e a Corte inglesa. Desta forma o jogo começa a ser organizado, com jovens ingleses deixando de lado esportes preferidos, como a esgrima e a caça, passando a praticar o futebol. Como lembra Giulianotti (2002), estes jogos de bola eram praticados em condados ingleses e escoceses a partir do século XIII como passatempo do povo em dias santos. Na Inglaterra, o jogo ganhou regras diferentes, foi organizado e sistematizado. Segundo Duarte (1997,p.3), em 1660 começam as regulamentações, principalmente quanto ao número de participantes. Define-se também o tamanho do terreno de jogo (80 por 120 metros), surgem os gols, que eram dois postes com largura de um metro. Cada contexto histórico que envolve o futebol proporciona polêmicas quanto ao seu

surgimento. Duarte (1997, p.6), lembra que a partir de 1840, o esporte foi introduzido nas Escolas Públicas inglesas, sendo um ponto importante para analisar sua popularização e seu desenvolvimento na Inglaterra. Os ingleses, contudo, adotaram o futebol como seu esporte principal na era Vitoriana, quando a rainha Vitória estava no poder e deu ao país anos de paz e desenvolvimento econômico (DUARTE,1997,p.7). Um fato importante consiste na fundação da International Football Association Board em Londres em 1886, sendo ela a responsável em manter, modificar e harmonizar as regras do jogo (DUARTE,1997,p.6). E em 1904 surge a FIFA (Fédération Internationale Football Association), (DUARTE,1997,p.5).

1.2 HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL

A história do futebol no Brasil pode ser dividida em diferentes períodos. Levine (1982, p. 23), utiliza a seguinte estruturação: (a) primeira fase (1894-1904), (b) fase amadora (1905-1933), (c) fase do profissionalismo (1933-1950), (d) fase do reconhecimento internacional e da comercialização do futebol (1950 até dias atuais). Neste estudo não se objetiva narrar historicamente passo a passo a chegada do futebol no Brasil, mas apresentar rapidamente como o esporte se difundiu no país. A primeira fase é marcada pela chegada do futebol ao país e a criação de clubes urbanos por imigrantes europeus. O futebol surge no Brasil no final do século XIX, quando o inglês Charles Miller retorna da Inglaterra em 1894, trazendo consigo materiais próprios desse esporte: bolas, camisas, calções e chuteiras. É Charles Miller quem introduz o futebol no Brasil, inicialmente no estado de São Paulo, entre os jovens da elite paulistana. O futebol aparece como elemento da modernidade, “uma novidade moderna e elegante”, sendo praticado por ingleses nas fábricas e nos colégios (PEREIRA, 2000, p. 16). O futebol era praticado nos colégios de elite paulistas e nos cariocas Alfredo Gomes e Anglo-brasileiro (CALDAS, 1990, p. 23).

Com a modernização e profissionalização do futebol, as regras e competições foram regularizadas e ampliadas mundialmente, mas o estilo do brasileiro jogar foi se consolidando e encantando o mundo, principalmente após a Copa do Mundo de 1950 realizada no Brasil, onde os olhos do mundo se voltaram a beleza plástica das jogadas

dos atletas. Segundo Rodrigues Filho (1964), foi o futebol, feito de magia, dribles, ginga e improviso que construíram a identidade do nosso futebol, conhecido por todos como futebol arte. O futebol brasileiro é intuitivo, artístico, espetáculo, natureza, individual, dom, agilidade, habilidade, malandro, improvisado, jogo dionisíaco, barroco, futebol arte (DAMO, 2002, p.125).

Deve-se citar a fase da modernização, podendo ser datada de 1970 aos dias atuais. Caracteriza-se pelo crescimento de recursos financeiros no futebol, aumento do nível salarial de atletas, a televisão investindo grandes somas para transmissão ao vivo dos jogos, conseqüentemente o aumento de patrocinadores. Com a busca cada vez maior por resultados, os treinadores e preparadores físicos são mais valorizados e ocorre o aparecimento de outros profissionais envolvidos neste processo, como: fisioterapeutas, médicos, nutricionistas, psicólogos, gerentes, assessores de imprensa para clubes e jogadores, que dedicam seu tempo para atletas, além dos agentes de jogadores, conhecidos como "empresários", que administram a carreira de cada atleta. A modernização do futebol possibilitou a comercialização do espetáculo futebolístico, a introdução da publicidade ao redor do gramado e nas camisas dos times. A mudança no estilo brasileiro de jogar tornou-se mais evidente nesse período, especialmente quando os clubes e a seleção nacional adotaram novos métodos de treinamento, dando ênfase à preparação física e à armação tática das equipes em campo. Como Lembra Rodrigues (2004), podemos aludir aqui ao futebol-força, ou futebol científico, ambas as conseqüências da crescente comercialização do futebol, que foram adotados no Brasil pela maioria dos clubes.

1.3 HISTÓRIAS DAS COPAS DO MUNDO

Através da consulta a informações em meios virtuais e online, observa-se que o ano de 1930 representou o nascimento do futebol mundial porque no Uruguai, foi realizada a primeira edição da Copa do Mundo da FIFA. O torneio foi disputado por apenas 13 equipes. Todas elas participaram da competição a convite, já que não houve eliminatórias. Os anfitriões uruguaios levaram a melhor, erguendo pela primeira vez o cobiçado troféu. Quatro anos mais tarde, na Itália, o interesse pelo torneio seria muito maior. Tanto é verdade que 32 países participaram de uma fase eliminatória para definir os 16 participantes da segunda edição da Copa do Mundo da FIFA. Mais uma vez, o país anfitrião conquistou o título. A terceira edição da Copa do Mundo da FIFA aconteceu em 1938 na França. Os anfitriões conseguiram chegar às quartas de final, mas foi só. A Itália destruiu os sonhos franceses e sagrou-se bicampeã mundial em 19 de junho de 1938. Por causa da Segunda Guerra Mundial, uma nova edição do torneio mais importante do planeta só se realizaria em 1950. Em homenagem ao presidente da FIFA, Jules Rimet, que não mediu esforços para manter vivo o espírito do futebol durante os anos da guerra, o troféu passou a ser chamado Taça Jules Rimet. Em 1950, mais uma vez apenas 13 seleções marcaram presença no Brasil. Depois de uma etapa classificatória, a fase final acabou sendo disputada por Brasil, Suécia, Espanha e Uruguai. Bastava um empate para a Seleção se tornar campeã mundial, mas o Uruguai virou em cima do Brasil e venceu o jogo em pleno Maracanã por 2 a 1 diante de um público oficial registrado em 199.954 pessoas. A Copa do Mundo da FIFA 1954 foi um sucesso até então inigualado. Pela primeira vez se inscreveram no torneio equipes da Ásia e África. A competição de 1958, na Suécia, revelou um garoto de 17 anos chamado Pelé que ajudou o Brasil a conquistar a Taça Jules Rimet pela primeira vez. Também pela primeira vez, os jogos receberam cobertura televisiva internacional. Quatro anos mais tarde o Brasil se tornaria bicampeão no Chile antes que, em 1966, novamente um país anfitrião conquistasse o título. A Inglaterra, nação que deu origem ao futebol, finalmente levantava a taça. Em 1970, os brasileiros, festejaram o seu terceiro triunfo e ganharam a posse definitiva da Taça Jules Rimet. A grande novidade do torneio realizado no México foi a transmissão em cores para o mundo todo. Em

1974, a Alemanha conquistou em casa a nova Taça do Mundo FIFA. Uma grande nação do futebol, até então pouco citada, daria a volta por cima em 1978. A Argentina não apenas recebeu as melhores seleções do mundo como pôde, finalmente, festejar o seu tão esperado primeiro título mundial. Quatro anos mais tarde, 24 países compareceram à edição da Espanha, mas a Holanda, vice-campeã em 1974 e 1978, não se classificou. O que Pelé é para o Brasil, sem dúvida nenhuma, Diego Maradona é para a Argentina. Foi ele quem levou a *Albiceleste* ao seu segundo título em 1986 no México e para a grande final de 1990 na Itália, novamente contra a Alemanha. Foi a seleção alemã que, sob o comando de Franz Beckenbauer, conquistou o tricampeonato, como já haviam feito anteriormente o Brasil e a Itália. Na edição de 1994, 147 países participaram das eliminatórias para o Mundial dos Estados Unidos — nunca antes na história tantas nações se inscreveram. Vinte e quatro equipes se classificaram para o torneio e pela primeira vez a final foi decidida nos pênaltis. O Brasil levou a melhor sobre a Itália e se tornou o primeiro país a conquistar o troféu pela quarta vez. Os recordes foram sendo quebrados nos anos seguintes: a 16ª edição da Copa do Mundo da FIFA, em 1998 na França, foi até então o maior torneio de todos os tempos. Participaram da competição 32 países e o craque do torneio foi Zinedine Zidane, que deu à França o primeiro título mundial do país com uma vitória sobre o Brasil na decisão. Graças ao pentacampeonato conquistado na edição da Coreia do Sul e do Japão em 2002, o Brasil pode afirmar que é o único país do mundo a ter levantado a taça em todos os continentes onde o torneio foi disputado. Em 2006, a Itália derrotou a anfitriã Alemanha na semifinal e foi a Berlim disputar a decisão com a França. Após a cobrança de pênaltis, os italianos acabaram vencendo e conquistando o seu quarto título. Em 2010, pela primeira vez, a maior competição do futebol mundial foi disputado no continente africano e também pela primeira vez a Espanha conquistou o título mundial.

Desta forma busca-se uma relação com toda história e evolução do futebol ao decorrer dos anos. Relaciona-se o futebol tático, técnico, físico e científico com todos processos evolutivos. Os jogos se tornam mais estudados e variáveis específicas do jogo são mais treinadas e decisivas. Identifica-se o futebol como um fenômeno que

envolve multidões que atraindo cada vez mais os olhares do público, patrocinadores e a mídia. Estudos que envolvem este desporto revelam uma busca por detalhes e evidências que auxiliem, tanto os profissionais envolvidos no processo, como para um simples torcedor e aficionados pelo futebol.

1.4 OBJETIVO GERAL

- Analisar a trajetória técnico-tática dos seis últimos finalistas da Copa de Mundo de futebol FIFA (2002, 2006 e 2010).

1.4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar as variáveis que interferem como fatores decisivos nas Copas do Mundo de 2002, 2006 e 2010.

- Fazer uma análise descritiva dos níveis de rendimento técnico e tático entre os seis últimos finalistas da Copa do Mundo de futebol.

1.5 JUSTIFICATIVA

Somente a Copa do Mundo de futebol, que ocorre de quatro em quatro anos tem a capacidade de parar um país em dias de jogo da seleção. No Brasil, Mascarenhas et al. (2004) descrevem que para milhões de brasileiros o calendário futebolístico é um elemento balizador que contribui para demarcar o tempo da vida cotidiana. Durante a Copa do Mundo, jornais, revistas, televisões, enfim, todos os meios de comunicação dedicam a maior parte do seu tempo ao futebol. Não surpreende que na mente da grande maioria dos brasileiros, a primeira imagem bem sucedida ao se ouvir o hino nacional é a da seleção brasileira de futebol postada solenemente no gramado (MASCARENHAS, 2004, p. 88). Da Matta (1982) cita que as profundas desigualdades na sociedade brasileira oportunizam ao futebol condições ímpares de aglutinação das diferentes camadas sociais, atuando como poderosa “máquina de socialização”. A igualdade que se observa nestes momentos leva a certeza que o futebol é um

fenômeno artístico, cultural e social, que encanta milhares de pessoas. Não há dúvidas que durante a realização da Copa do Mundo, o combalido espírito patriótico emerge e se agiganta, colorindo os espaços públicos e mobilizando a sociedade em todos os níveis (MASCARENHAS, 2004).

O estudo direcionado ao futebol e principalmente a aspectos relacionados a Copa do Mundo torna-se de interesse para uma maior verificação do que se define um campeão do mundo. Avalia-se a grande participação dos componentes físicos, técnico, táticos e psicológicos que contribuem ou não para o sucesso. Uma movimentação correta na hora do passe decisivo, uma finalização bem executada, uma tomada de decisão acertada no momento de definir qual jogada executar, todos os detalhes podem fazer a diferença, principalmente quando a evolução tecnológica atingiu um patamar onde estes detalhes se tornam ainda mais importantes. Treinadores e jogadores observam cada vez mais as características dos adversários, tornando o jogo cada vez mais estudado e detalhado. Através da análise das variáveis deste estudo pôde-se alcançar o objetivo desta pesquisa. Observa-se desta forma como os sistemas de jogo evoluíram e se tornaram mais estudados e treinados. Como as equipes tendem a ser mais defensivas ou ofensivas em determinados momentos do jogo, sendo assim os gols podem aumentar ou diminuir. Além de um estudo sobre o jogo mais pautado em marcações individuais e mais consistentes, o que leva a necessidade da melhora nas capacidades físicas, técnica, tática e psicológica dos atletas. Desta maneira, é de grande relevância estudar elementos técnico-táticos que possam definir uma partida, busca-se desta maneira evidências que possam auxiliar técnicos e estudiosos do futebol o aperfeiçoamento de suas análises, treinamento e táticas utilizadas.

2- REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CARACTERÍSTICAS DO JOGO

O futebol é apaixonante, envolve multidões. Sendo ele fácil e barato de jogar, sinal de oportunidades iguais, o futebol tem sido considerado por muitos especialistas como um ritual de maior substância da “cultura das multidões” no Brasil e metáfora privilegiada de nossas estruturas básicas” (Da Matta, 1982). O futebol profissional é um esporte de alto nível e traz consigo momentos que envolvem vários aspectos, por exemplo, fatores fisiológicos, psicológicos e cognitivos. Na medida que transcorre um jogo se desenvolvem variações nas exigências físicas, técnicas, táticas e psicológicas. Assim é necessário que o atleta defina sua forma de participação em uma determinada jogada. Alguns fatores relevantes devem ser analisados, como o nível técnico, conhecimento tático e mecanismos cognitivos dos atletas envolvidos, segundo WEINECK (2000,p. 15), um conceito tático só é executável sobre os alicerces de uma base técnica, condição física, capacidades volitivas (dependentes da força de vontade) e intelectuais compatíveis. Portanto ocorre uma interdependência destas capacidades. Bangsboo (1992) citado por Rebelo (2004) fala que um jogador pode percorrer uma distância de 13-14 Km, com uma frequência cardíaca média de 160-170 batimentos por minuto, no qual a perda de água corporal pode atingir 3-4 litros, desta forma uma preparação que envolve todas as capacidades é fundamental. O futebol é caracterizado como sendo uma atividade predominantemente aeróbia, mas mecanismos anaeróbios também definem determinadas ações e para o sucesso dos jogadores de hoje é necessário que haja grande potência anaeróbia. Segundo Aoki (2002, p.45) capacidade física é o potencial anátomo-fisiológico que o atleta possui. Cabe ao profissional responsável, utilizar métodos de treinamento e controle para que o treinador possa usufruir deste atleta em sua plenitude física.

2.1.1 RESISTÊNCIA

A resistência no futebol é uma necessidade, pois partidas de alto nível demandam uma reserva energética satisfatória para suportar a intensidade do jogo, entende-se como “resistência” a capacidade geral psicofísica de tolerância á fadiga em sobrecargas de longa duração, bem como a capacidade de uma rápida recuperação após estas sobrecargas (WEINECK, 2000,p.23).

A resistência é a capacidade psicofísica do esportista, de suportar a fadiga ou de recuperar-se rapidamente do esforço físico (GRECO; BENDA, 1998, p.37).

Hollman & Hettinger (1976, citado por Greco; Benda,1998), classificam a resistência de acordo com a massa muscular envolvida, a forma de ganho de energia e ao tipo de trabalho da musculatura:. Conforme a quantidade de massa muscular, resultam duas formas diferentes de expressão desta capacidade. Resistência geral: independente do esporte praticado na qual participa mais de 1/6 ou 1/7 da musculatura no exercício; Resistência especial ou resistência localizada: Orientada para um tipo especial de esporte, participando de 1/3 da musculatura total do corpo, no exercício. Em relação ao ganho de energia, observam-se duas formas diferentes de utilização: Aeróbia: o oxigênio disponível na célula é suficiente para combustão oxidativa; anaeróbia: o suprimento de oxigênio não é suficiente para combustão oxidativa, o que leva a uma mobilização de energia através de vias anaeróbias láctica e aláctica. Para o jogador de futebol, deve-se desenvolver e treinar a resistência em suas formas de manifestações, pois as exigências específicas do jogo requerem um alto grau de desenvolvimento das mesmas.

2.1.2 FORÇA

Assim como a resistência, a força tem características determinadas fundamentalmente pelos processos energéticos, assim como lembram Greco; Benda (1998, p.37). O treinamento de força tem papel fundamental na execução de tarefas esportivas. Weineck (1989) citado por Greco; Benda (1998) classifica a força muscular, baseando-se na especificidade da ação muscular, em força geral e especial. A força geral é entendida como a “força de todos os grupos musculares”, e força especial compreende o “desenvolvimento da força em grupos musculares específicos”. A força máxima pode ser gerada por um músculo ou por um grupo muscular, é comum a prática na avaliação dos programas de treinamento (POWERS, HOWLEY, 2000, p.385). O treino de força no futebol visa prioritariamente os membros inferiores, que desenvolvidos de maneira ideal à faixa etária, proporciona ao jogador de futebol uma performance ideal para exercer as demandas de um jogo, como força no chute, saltos, capacidades de aceleração, entre outros, porém não podemos deixar de lembrar que a força não beneficia somente as demandas citadas acima, mas também aos fundamentos e habilidades exigidas.

Segundo Aoki (2002, p.54) deve-se observar os limites de carga para não provocar o aumento excessivo da massa muscular, que inevitavelmente conduzira a lesões articulares. Como lembra Weineck (2000, p.188.), o jogador de futebol necessita da qualidade física força em vários aspectos, como na elevação da performance específica do futebol, como profilaxia de lesões e no treinamento de força como profilaxia para musculatura responsável pela manutenção da postura.

2.1.3 VELOCIDADE

Para acompanhar o desenvolvimento do jogo deve-se destacar a velocidade, pois com o avanço no treinamento das capacidades físicas ligadas ao futebol a velocidade pode ser fator preponderante a definição de determinadas ações no jogo. De acordo com Powers; Howley (2000), a velocidade é a qualidade física que permite realizar uma ação em um menor tempo possível.

Segundo Greco; Benda (1998, p.37), a velocidade é uma terceira capacidade motora, sendo ela intermediária, pois está ligada tanto a processos de condução do sistema nervoso central, quanto a aspectos motores de consumo energético. A velocidade é classificada como “capacidades mistas”, juntamente com a flexibilidade, pois ambas tem fortes inter-relações, tanto com as capacidades motoras, quanto com as coordenativas (GRECO; BENDA, 1998,p.51).

Com isso a velocidade de deslocamento dentro do campo de jogo em zonas desocupadas pode surpreender a equipe adversária e segundos podem fazer a diferença em uma definição de jogada. Tanto no ataque como também na defesa a velocidade decide freqüentemente entre a vitória e a derrota. (WEINECK, 2000).

2.1.4 FLEXIBILIDADE

Apesar de polêmicas quanto ao treino da flexibilidade deve-se citá-la, sendo ela indispensável á prática esportiva (GRECO; BENDA,1998, p.51). BLANKE (1994 citado por Greco; Benda,1998) define flexibilidade como a habilidade em mover as articulações do corpo, utilizando a amplitude de movimento (ADM), para qual foram projetadas. Para se trabalhar a flexibilidade deve-se realizar alongamentos, que são conjuntos de técnicas utilizadas para se manter ou se aprimorar os graus de amplitude de movimento de uma articulação ou conjunto de articulações, de maneira segura e eficaz (GRECO; BENDA, 1998, p.52). Segundo WEINECK (2000, p.480) o alongamento não deveria ser subordinado a nenhum ciclo anual, mas sim ser realizado durante todo o ano e se possível diariamente, mas pode-se citar que não há conclusões que o alongamento evita ou previne lesões.

Segundo (BARROS; GUERRA, 2004), é recomendado que onde haja deficiência na flexibilidade dos atletas é onde se deve dar uma ênfase especial, principalmente aos músculos posteriores da coxa e adutores.

2.1.5- COORDENAÇÃO

Para se realizar determinada tarefa objetiva-se controlar ou ajustar o movimento de uma maneira ideal para sua execução, desta forma alcançar o sucesso na realização de determinado movimento. Etimologicamente, coordenar significa “ordenar junto” e no esporte esta característica se agrega á função de harmonização dos processos parciais do movimento (GRECO; BENDA, 1998,p.41). Defini-se ainda como a capacidade de realizar movimentos de forma ótima, com o máximo de economia, de esforços da mente e corpo proporcionando a combinação motora que permitira a realização de uma série de movimentos com o máximo de eficiência e economia (BARROS; GUERRA, 2004, p.34).

. A coordenação esta intimamente relacionada ao aspecto técnico. O jogador de destaque na atualidade possui, além do preparo físico bem desenvolvido, a coordenação evidenciada, e isto é demonstrado na qualidade técnica que os mesmo possui (AOKI, 2002, P.73).

2.1.6 MOBILIDADE

A mobilidade é capacidade de realizar grande volume de movimentos dependente da elasticidade dos ligamentos, dos tendões e músculos, bem como, do estado do sistema nervoso central, que influenciam na capacidade muscular e reguladora das funções da coordenação (GOMES, 1999, p.14). No futebol a mobilidade também é uma capacidade importante, essencial nas articulações do tornozelo, joelho e coxa-femural, que são as mais solicitadas na prática desse esporte, onde incidem o maior número de lesões e traumas. Segundo Weineck (2000,p.480), a mobilidade é a única qualidade física que alcança o seu ponto máximo já na infância e com o não treinamento sofre piora.

O desenvolvimento ideal, quer dizer, adaptado as necessidades do jogo de futebol, tem efeito complexo positivo sobre os fatores físicos responsáveis pela performance, como a força, velocidade, entre outros (WEINECK, 2000, p.464). De 1990 até os dias atuais, a velocidade e a resistência são as capacidades físicas

determinantes para o êxito das equipes, seguidas pela força. A coordenação, que está diretamente ligada aos aspectos técnicos, caiu para quarto lugar na lista das prioridades e a mobilidade manteve-se em quinto lugar (GRECO ; BENDA 1998, p.36).

2.1.7 FATORES PSICOLÓGICOS

Cita-se também fatores psicológicos e de estresse que fazem parte do universo do futebol. Declarações públicas ou privadas de jogadores, treinadores, dirigentes, resulta a percepção de que cada vez mais freqüente outorgar fatores psicológicos um papel destacado na determinação de resultados (FONSECA, 2004, p. 263). Um atleta de futebol, mesmo de alto nível, é um simples ser humano e ao entrar em campo para decidir uma Copa do Mundo, com bilhões de espectadores o observando e estando em seus pés, a felicidade, mesmo que passageira, de uma nação inteira ele possivelmente estará psicologicamente alterado. Nesta medida poderia se esperar que o treino das competências psicológicas dos jogadores fosse uma das áreas mais privilegiadas pelos treinadores (FONSECA, 2004, p. 263). Mesmo sabendo que ocorre ainda uma rejeição dos esportistas em relação ao “treinamento psicológico”.

A Psicologia do Esporte no Brasil descobriu este fenômeno fascinante que é o futebol, um jogo que mobiliza milhões de pessoas através de sua beleza, sua luta e principalmente pelas suas emoções e paixões (GARGANTA, OLIVEIRA & MURAD apud SAMULSKI & GRECO, 2004, p.271).

O estresse dentro do futebol engloba os atletas, treinadores, árbitros e por que não dirigentes e torcedores. De Rose Jr. (1997 citado por Samulski & Greco, 2004), relata em seu estudo que os sintomas mais freqüentes de estresse pré-competitivo, são as preocupações com o resultado, medo de decepcionar as pessoas, medo de cometer erros. Brandão (2002, citado por Samulski & Greco, 2004) revelou uma pesquisa com atletas da Seleção Brasileira de futebol sub-21 e os fatores como, não estar bem fisicamente, falta de preparo psicológico, falta de união do grupo, conflito com treinador e companheiros, perder de goleada os afetam no período pré-competitivo. Moreira (1995, citado por Samulski & Greco, 2004), relata que 53,84% dos treinadores se sentiam estressados em sua profissão e que 61,54% dos treinadores se

sentiam mais estressados durante os jogos. Analisando estes dados deve-se dar uma ênfase maior na parte psicológica dos atletas. Sendo que a capacidade, física, técnica, tática e também a psicológica influenciarão diretamente no sucesso de equipes de futebol.

2.1.8 CLASSIFICAÇÃO DO JOGO

Com base na proposta formulada por Moreno (1994) o futebol se encontra dentro dos denominados jogos esportivos coletivos, que aponta que o processo de treinamento e aprendizagem dos desportos deve ser realizado considerando-se três fatores: as características do indivíduo, a estrutura do desporto e o planejamento metodológico. Desta maneira, se o conhecimento da estrutura do desporto é um fator determinante para o seu desenvolvimento, adota-se a classificação das modalidades como ponto de partida para um estudo mais aprofundado das mesmas.

A) Desportos psicomotrizes ou individuais: o indivíduo atua sozinho, de maneira que seu comportamento motor ou estratégia motriz não sofre interferência de outro participante. Neste grupo, a técnica ou o modelo de execução tem um papel prioritário, o que já não se pode dizer do comportamento estratégico do participante. Ex.: natação, ginástica olímpica, atletismo, esqui e vela.

B) Desportos de oposição: a presença de outro indivíduo, na qualidade de adversário, determina a ação, de maneira que a conduta dos participantes apresenta objetivos opostos. A estratégia aqui está mais valorizada do que no grupo anterior. Ex.: luta livre, karatê, judô e tênis.

C) Desportos de cooperação: a ação resultante ocorre entre dois ou mais indivíduos, que atuam de maneira coordenada entre si e em mútua colaboração. Na grande maioria dos desportos deste grupo, a técnica corresponde a modelos

já pré-determinados. Ex.: patinação artística (duplas), ginástica rítmica (conjunto), natação e atletismo (revezamento).

D) *Desportos de cooperação/oposição*: são denominados assim os desportos onde a ação é o resultado das interações dos participantes, produzidas de maneira que uma equipe coopera entre si para opor-se à outra que, por sua vez, atua também em cooperação para opor-se à primeira. As estratégias, junto com a comunicação, formam o núcleo principal deste grupo.

Segundo a classificação de Moreno (1994), o futebol enquadra-se no grupo de desportos de *cooperação/oposição*, onde os jogadores utilizam um espaço comum, o campo, e mantêm uma forma de participação simultânea.

Desta forma, a perfeita harmonia, entre companheiros de equipe, análise da oposição, ou seja, o adversário e situações de variáveis que ocorrem dentro do jogo contribuem para um maior sucesso. Para se estruturar esta idéia o autor observou como cada esporte utiliza o espaço, a relação entre os participantes, tanto o(s) companheiro(s) de equipe e o(s) adversário(s), sendo esta relação importante se observarmos em outros parâmetros. A partir do adversário que se enfrenta pode-se definir por determinada tática, da mesma forma, pela característica de seu companheiro de equipe define-se qual jogada realizar. Neste contexto, Moreno e Sanchez(1994) citado por Moreno (1994) apresentam uma subdivisão dos *desportos de cooperação/oposição*, onde as modalidades estão divididas conforme critérios de espaço e participação, como podemos observar na Figura 1.

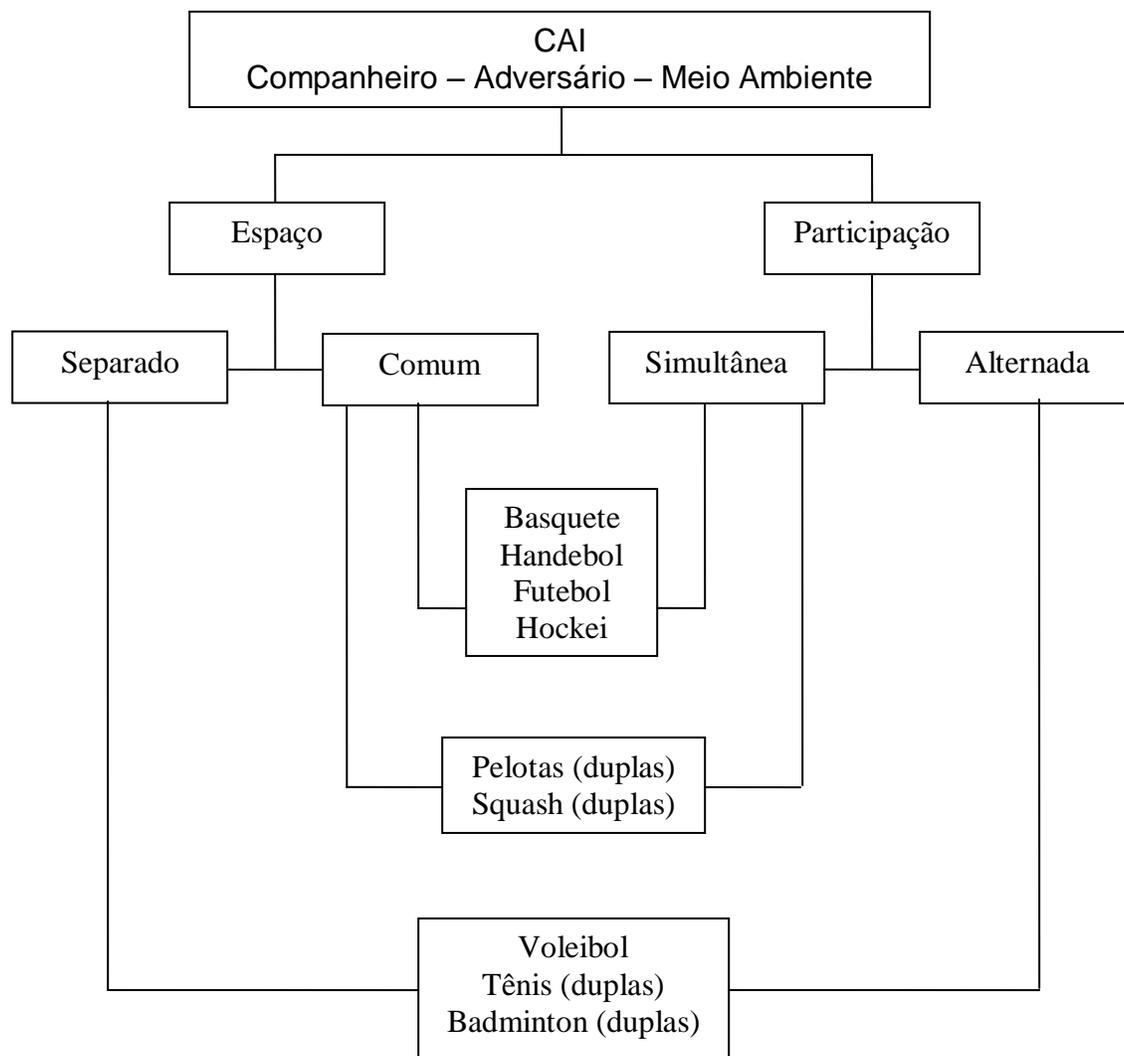


FIGURA 1 Classificação dos esportes de cooperação/oposição

Fonte: Moreno & Sanchez(1994) in Cafruni(2001, p.47)

A estrutura do desporto, relacionada aos jogos desportivos coletivos dependem do seu companheiro de equipe, do adversário que está enfrentando e também do ambiente onde está sendo realizado aquele jogo. Pode-se analisar que cada jogador tem sua própria tomada de decisão, através de uma adaptabilidade tático-cognitiva e que pode decidir por determinada jogada, sendo ela executada com sucesso ou não. De acordo com o adversário que irá enfrentar pode-se definir por determinada tática, mais ofensiva ou defensiva e também o local onde aquele jogo está sendo realizado. No futebol observa-se cada vez mais está realidade, onde equipes se enfrentam

definindo previamente como jogar determinadas partidas. A participação simultânea e no mesmo espaço, como observa-se no quadro, requer cada vez mais um comportamento voltado a ações individuais e coletivas do jogo, fazendo com que se conheça as características do companheiros de equipe, dos adversários além de fatores ambientais para que se obtenha o melhor resultado possível.

2.1.9 TÁTICA

De acordo com Greco; Benda (1998, p.59) tática é o sistema de planos de ação – delimitados pelo espaço-tempo e situação – que desencadeiam tomadas de decisão, as quais objetivam a estruturação de ações motoras direcionadas à obtenção da meta desejada. Desta forma ocorre uma análise da situação de momento, que provocará uma ação sendo ela correta ou não, mas com intencionalidade de se obter um êxito. Mutti (2003, p.177), define tática como uma forma racional e planejada de aplicar um sistema e seus vários esquemas, a fim de combinar um jogo de ataque e defesa, tirando proveito de todas as circunstâncias favoráveis da partida, com o objetivo de dominar o adversário e conseguir a vitória. Com a evolução do futebol, treinadores tem introduzido em suas equipes cada vez mais o aspecto tático, que aliado á condição física, técnica e psicológica dos atletas tem transformado um jogo considerado simples, em complexo, que deve ser cada vez mais detalhado e estudado por treinadores. A complexidade que envolve cada movimento, sendo do companheiro de equipe ou do adversário revelam a necessidade do aprofundamento neste campo de estudo, pode-se pensar na variabilidade de jogadas dentro do jogo para surpreender o adversário e mesmo se analisarmos pelo aspecto físico a equipe que não encontrar soluções ou capacidade de resolver problemas com jogadas diferentes, poderá desgastar fisicamente determinados atletas e se tornar previsível, sendo assim o conhecimento tático de grande importância. Deve-se citar desta forma os conhecimentos declarativo e processual para que atletas tenham conhecimento da modalidade que praticam. Chi e Glaser (1980) citado por Giacomini & Greco (2008) afirmam que o conhecimento processual verifica-se na ação motora em si, que solicita a utilização de processos cognitivos necessários a execução da mesma, este conhecimento é utilizado em

momentos de tomada de decisão, selecionando o que será mais adequado naquele momento. Já o conhecimento declarativo segundo McPherson (1999) citado por Giacomini & Greco (2008), descreve que este conhecimento inclui uma seleção de ações, além de definir o conhecimento de posições e estratégias da equipe. Segundo Garganta (2002) a especificidade desportiva implica um conhecimento declarativo, relacionado com o conhecimento das ações e um conhecimento processual com o conhecer e como utilizar estas ações. A ação tática inteligente concretiza-se através de um comportamento tático que se visualiza externamente a partir da execução técnica, isto é, do conhecimento processual, automatizado e internalizado na memória, Greco (2006) citado por Da Lapa (2009). O atleta observa as opções que lhe são disponíveis naquela situação e através da utilização de sua técnica finaliza determinada jogada. Costa, Garganta, Fonseca & Botelho (2002, v.2, p.8), cita que as ações táticas distinguem-se das restantes ações desportivas, porque seu desenvolvimento dá lugar a processos intelectuais muito mais alargados e qualitativamente superiores. Para se alcançar objetivos dentro do jogo o treinador deve possuir atletas inteligentes e que saibam tomar a decisão acertada para determinada jogada. O futebol está inserido nos Jogos Esportivos Coletivos (JEC), onde ocorrem interações entre os atletas, observa-se então que toda ação que um atleta realiza, nas diferentes situações de jogo com as quais se defronta, tem uma finalidade tática, Pérez; Greco (2007, v.21,p.291). Dentro da capacidade tática do futebol destaca-se as movimentações dos atletas dentro do campo de jogo, o que oportunizará o seu companheiro lhe dar um passe em boas condições. Neste contexto Giacomini e Greco (2008,v.8,p.128) citam que os jogadores sem bola devem a todo instante procurar posições no campo nas quais possam receber a bola de um companheiro, a fim de possibilitar a seqüência do mesmo: transportar a bola para o objetivo, conseguir o espaço necessário para quando receber a bola, definir a situação. Garganta (2002, citado por da Lapa, 2009) revela que o ato tático no futebol desenvolve-se e realiza-se através de um complexo mecanismo que engloba a percepção, a análise da situação, a decisão a tomar e a execução, sendo assim o atleta deve ter uma capacidade de solucionar problemas em um curto espaço de tempo, tendo atitudes táticas capazes de favorecer sua equipe. O atleta de futebol deve saber qual decisão tomar em determinadas situações, formulando, organizando e

externando o que fazer, qual momento agir, o espaço que ele poderá utilizar para um determinado passe ou antecipação de uma jogada e de que maneira executá-la. Garganta (1997), adaptou a (figura 2) para estas tomadas de decisões, criando uma situação dentro de determinada tática e o momento de executá-las, podendo alcançar resultados positivos ou negativos.

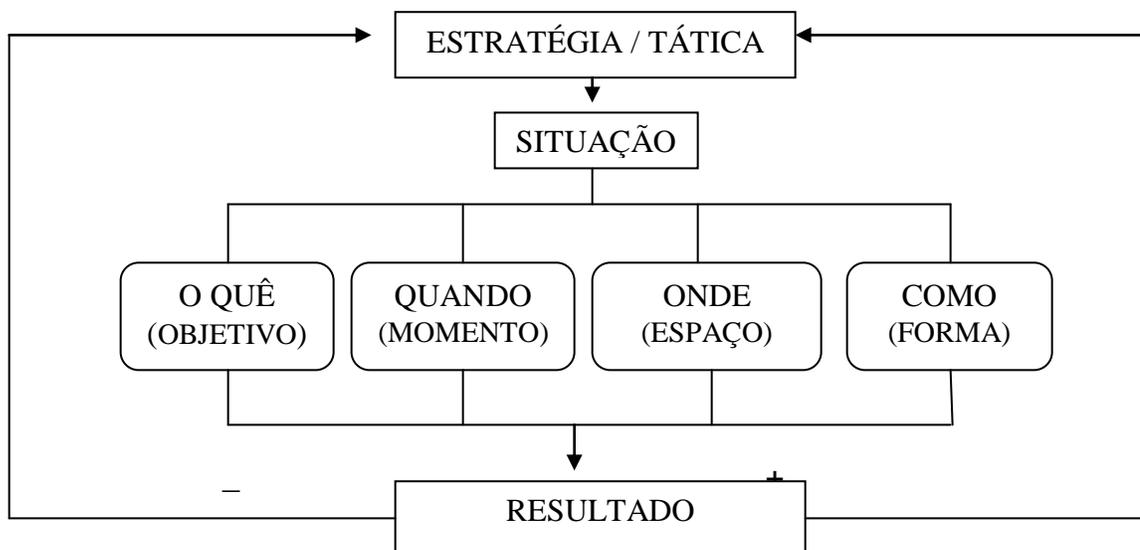


Figura 2- A dimensão estratégico-tática, campo de configuração e território de sentido de tarefas do jogador no decurso do jogo.

Fonte: Adaptação: Garganta, 1997, p. 8

2.1.10 TÉCNICA

Além da parte tática, os elementos técnicos dos atletas são capazes de decidir uma partida de futebol, um passe bem feito, um bom domínio da bola no momento decisivo de fazer o gol e outras variáveis que podem fazer a diferença se executados com precisão. A técnica é a interpretação, no tempo, espaço e situação, do meio instrumental operativo inerente à concretização da resposta para solução de tarefas ou problemas motores (GRECO; BENDA, 1998, p.55). Um padrão de movimento correto no momento adequado, sendo ele eficiente, pode fazer com que a solução encontrada tenha êxito e o objetivo seja alcançado. Segundo Bayer (1986) citado por Greco;

Benda (1998), a técnica individual representa todo repertório de gestos próprios da especialidade esportiva. Quando um atleta economiza energia, sendo eficiente e preciso, ele pode definir um jogo sem estar se desgastando erroneamente ou acima do necessário e no final este detalhe pode ser um diferencial em uma decisão, como uma Copa do Mundo.

O aprimoramento da técnica deve ser feito com treinamentos para que o indivíduo seja capaz de utilizar estes recursos individuais para resolver problemas do jogo. Capinussú & Reis (2004, p.92), citam os elementos técnicos no futebol que são: passe, controle de bola, condução de bola, chute, drible, finta, marcação e desmarcação, jogo de cabeça ou cabeceio e jogo do goleiro. Nenhum atleta é completo e capaz de executar todos estes elementos sendo completamente eficiente em todos, cada atleta tem sua característica específica, mas uma boa execução de determinados fundamentos em certos momentos do jogo, podem levar a vitórias.

2.1.11 VARIÁVEIS DECISIVAS

O futebol de alto nível está sendo cada vez mais estudado pelo envolvidos no processo, o futebol da era romântica deu lugar ao futebol científico, onde pequenos detalhes podem representar o êxito ou fracasso em um jogo ou mesmo em uma competição. Debate-se se o melhor é fazer o gol ou não sofrê-lo, com 1x0 á favor no placar as equipes preferem se defender do que tentar o segundo gol, principalmente se analisarmos os jogos de Copa do Mundo, uma competição rápida onde pequenos erros afetam todo o planejamento e em certas circunstâncias afetam até o cotidiano do cidadão, pelo envolvimento que alguns países tem com o futebol e a Copa do Mundo. Observa-se cada vez mais um jogo pautado em marcações, poucas oportunidades de gol, decididos muitas vezes no tempo extra ou decisão por pênaltis. Neste contexto cita-se a seleção suíça que através de consulta por meios virtuais e online, verificou-se que ela completou 394 minutos sem levar gol em Copas do Mundo, até o mundial de 2010, e este número aumentou, pois ela sofreu gol somente no segundo jogo da

competição da África do Sul/2010 contra a seleção chilena aos 30 minutos do segundo tempo, completando então 559 minutos sem levar gol, quebrando o recorde que pertencia a seleção italiana que era de 550 minutos. Em 14 edições da Copa do Mundo jamais ocorreu decisão do título mundial em cobranças de pênaltis, a partir do mundial do Estados Unidos em 1994 até a o mundial de 2010, ou seja, em cinco mundiais, a competição foi decidida por duas vezes desta maneira, em 1994 e 2006 e no último mundial a Espanha sagrou-se campeã com um gol aos onze minutos do segundo tempo da prorrogação, ou seja, por pouco estes números não aumentam.

Alguns estudos e análises têm sido feitos para verificar a participação de determinadas variáveis que possam interferir nos resultados dos jogos. Pode-se fazer uma descrição do número de faltas durante os jogos e neste contexto Lamas e Borges (2005, v.13,p.86) citam que o aumento das infrações faltosas e da indisciplina presente nos campos pode estar funcionando como componente colaborador para diminuição da beleza das jogadas e criatividade do jogador. A busca por resultados imediatos, a manutenção de emprego, cobrança da torcida e mídia podem influenciar cada vez mais este aspecto, sendo uma preliminar de pressão cidadã por vitórias. Como lembram os mesmos autores citados, Lamas e Borges (2005,v.13,p.85), a falta tem sido um expediente de defesa usual para neutralizar qualquer iniciativa ofensiva, e é ainda um recurso tático mais amplo para parar as jogadas. Da mesma maneira como a falta pode ser um artifício utilizado para coibir o futebol e as vitórias, verifica-se que muitas faltas podem interferir de maneira negativa para as equipes indisciplinadas, pois várias infrações podem levar a expulsões e gols, tanto para tiros diretos a meta, pênaltis, como jogadas treinadas e alçadas na área.

Para Roberto Carlos ex- lateral esquerdo da seleção brasileira:

“E gol de bola parada destrói, arreventa qualquer esquema de jogo”(captado no site <http://placar.abril.com.br>, de 28/10/10).

Este breve comentário de um dos maiores laterais da história de nosso futebol demonstra que este aspecto relacionado e ocasionado por uma falta pode determinar vitórias ou derrotas.

Nesta perspectiva observa-se um número crescente de análises que auxiliem treinadores na busca da otimização de seus atletas, demonstrando através do treinamento de campo, utilização de recursos visuais, como vídeos e datashow, como proceder durante os jogos, sendo ofensivamente ou defensivamente. Garganta (2001, citado por Barletta, 2009), refere-se que a análise de jogo possui diferentes fases que vão desde a nomeação de acontecimentos, anotação dos dados e interpretação dos mesmos. Seguindo este raciocínio aparece mais um profissional envolvido no processo evolutivo do futebol, o estatístico.

Alguns estudos foram feitos sobre gols de bola parada (falta lateral, frontal, pênalti, escanteio) no futebol em Copas do Mundo. Dentre os estudos está o de López (1999), que verificou que no mundial de 1994 nos Estados Unidos ocorreram 32% de gols desta forma, no mundial seguinte da França este número subiu para 34% e na Copa do Mundo Coréia/Japão 2002 este número foi de 31%.

Evidentemente que gols acontecem das mais variadas formas, além dos gols de bola parada, cita-se os gols com a bola em movimento, podendo ser chutes de dentro ou fora da área de gol, cruzamentos na área seguidos de cabeceio, jogadas individuais, gol contra sua própria meta, contra-ataque, que ocorre quando uma equipe recupera a posse de bola e com movimentações e tomada de decisão acertada ocasionam vários gols. Neste contexto, Saes, Jesus e Souza (2007, p.1288), citam que devido a grande quantidade de ações técnicas em uma partida de futebol, alguns fundamentos tem sido estudados de forma isolada, dentre eles o gol tem sido estudado de forma especial. Muitos treinadores não retêm as informações necessárias para uma análise mais detalhada do jogo, desta forma se torna pertinente um estudo abrangendo estas variáveis.

2.1.12- SISTEMAS TÁTICOS

As variações de sistemas táticos podem ocorrer por necessidade do jogo ou mesmo para testar determinada tática. E tudo que se faz com o objetivo de vencer o jogo é tática (DRUBSCKY, 2003, p.55).

Cada seleção ou equipe possui determinadas maneiras de jogar por isso diferencia-se esquemas táticos de sistema tático. Sistema tático é o conjunto das táticas que determinam as ações e características de uma equipe em campo (DRUBSCKY, 2002,p.93). Desta forma adotam as numerações (4x4x2, 3x5x2) para nomear quantos jogadores estão distribuídos em certas posições e funções. Como lembra Drubscky (2003), o esquema tático é um elemento importante do sistema tático, é uma movimentação de campo previamente determinada e treinada entre alguns jogadores e setores da equipe. É importante salientar que estes sistemas podem e são geralmente modificados durante os jogos e a dinâmica de cada sistema e dos jogadores é que surpreende os adversários.

2.1.13- EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS TÁTICOS

Com a evolução do futebol foi inevitável que sistemas utilizados anteriormente fossem perdendo espaço no futebol, pois o jogo tornou-se mais estudado, competitivo e profissional. Alguns acham que o futebol regrediu como espetáculo pelo simples fato de ter passado de um jogo extremamente ofensivo e cheios de gol para grandes disputas de meio campo e poucos gols (DRUBSCKY, 2003, p.113). Mas está foi a ordem encontrada com as cobranças feitas por torcedores, diretores de equipe e mídia, que se importam com o resultado final, pois os altos investimentos não tem retorno por uma grande jogada ou drible e sim por vitórias e títulos conquistados.

Com o passar dos anos a forma de posicionar os atletas em campo de acordo com suas funções foi se modificando e de acordo com Ribas (2010, p. 490) estas foram as evoluções detectadas em Copas do Mundo.

As figuras seguintes destacam os sistemas utilizados desde a Copa de 1930 no Uruguai até a de 2010 na África do Sul.

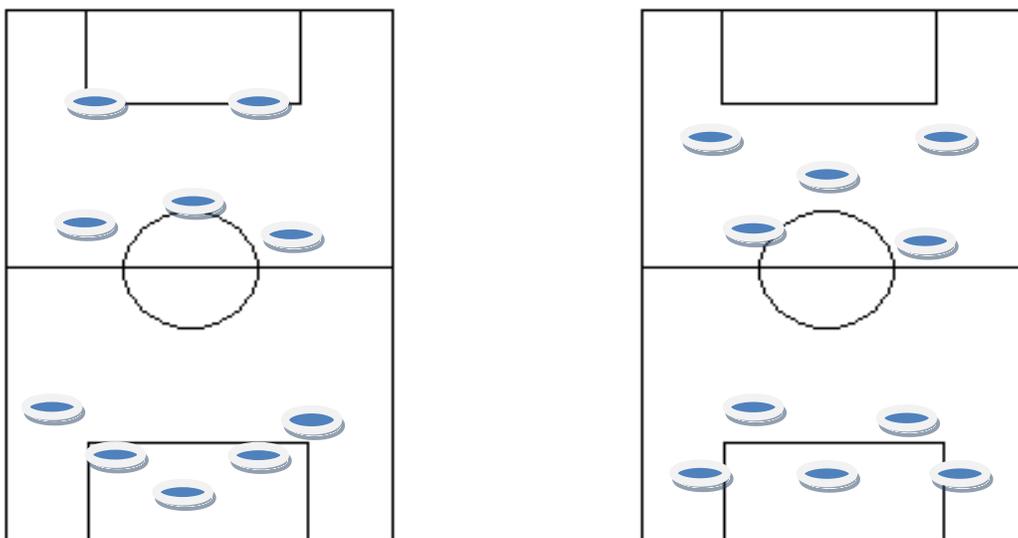


Figura 3: Sistema de 1930 com 2 defensores, três meio campistas e cinco atacantes.

Nos dias atuais seria impossível imaginar um esquema nestes padrões, o seguinte foi o revolucionário WM, com o recuo de um meio campista para defesa e também o recuo de uma atacante para o meio campo, este sistema foi inovador e preconizou sistemas que são utilizados até hoje.

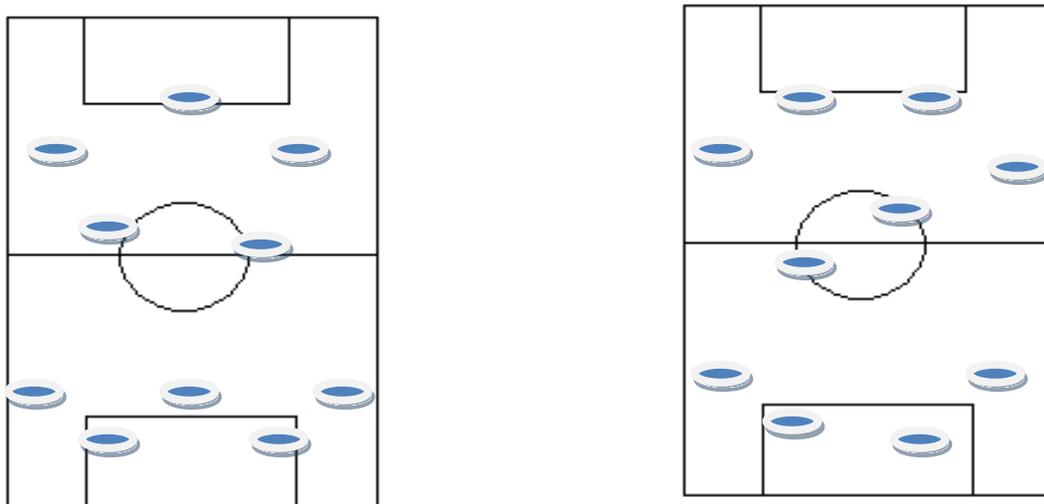


Figura 4: Hungria 1954 e Brasil 1962.

A seleção húngara de 1954 perpetrou uma das maiores inovações táticas, manteve a linha de três defensores WM inglês com um atacante recuando para armar jogadas e os pontas ficavam um pouco atrás dos outros atacantes, já o Brasil de 1962, jogou em um clássico 4x2x4 e Zagallo inovou, sendo ele atacante recuava para auxiliar a marcação no meio campo (RIBAS, 2010, p.491).

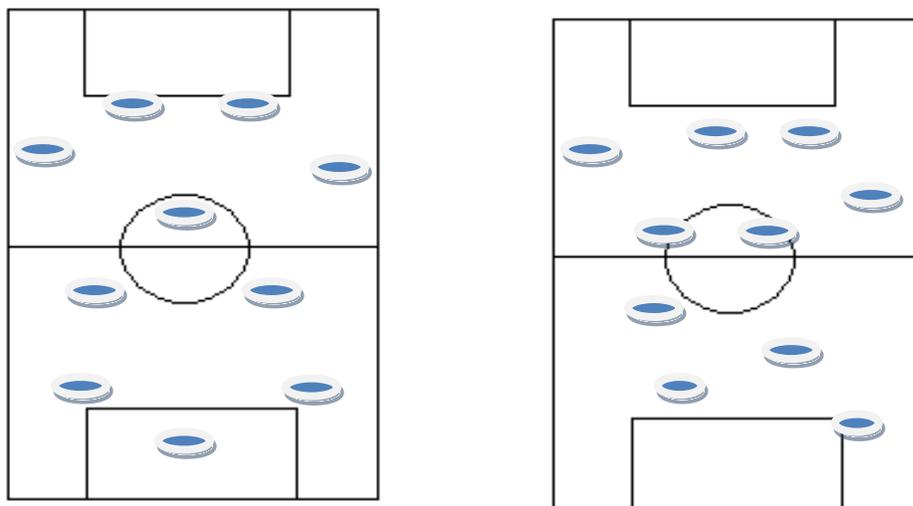


Figura 5: Evolução dos sistemas de jogo em 1970 e 1974.

Surge a figura do defensor que sai com qualidade para o ataque, denominado líbero (livre, em italiano), desta forma as equipes atuavam em 4x3x3, com laterais ajudando no apoio ao ataque, em 1974 ocorreu a maior revolução tática vista em Copas do Mundo, o “carrossel holandês”, ninguém tinha posição fixa, todos se movimentavam em campo (RIBAS, 2010, p. 492).

Este sistema holandês revolucionou o futebol, muitas vezes vários atletas estavam posicionados em um setor do campo fazendo a marcação e quando retomavam a posse de bola saiam rápido em contra ataque.

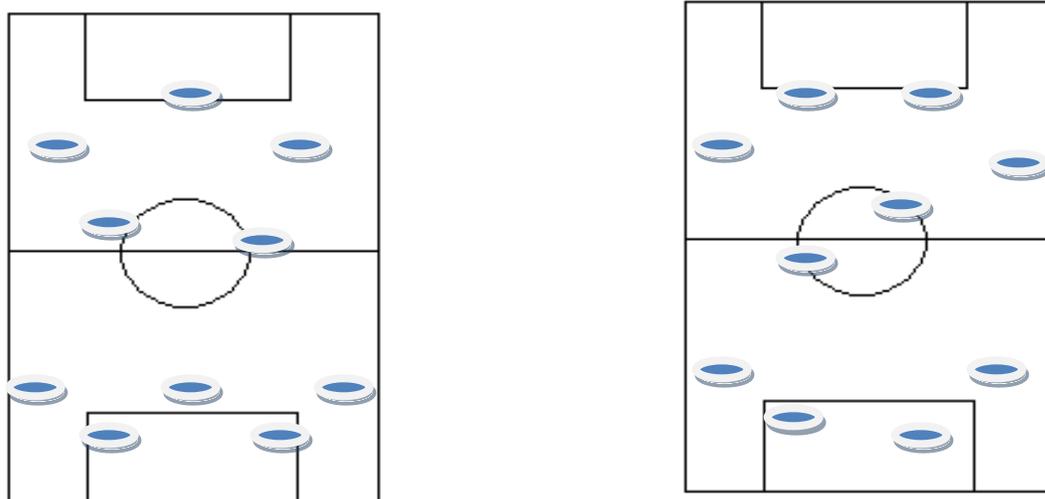


Figura 6: Sistema utilizados na década de 80 e 90.

No início dos anos 80, os treinadores passaram a flexibilizar a idéia que os atacantes (pontas) só poderiam atuar pelos lados do campo, então surge a função dos atacantes que atuavam mais centralizados e com apenas um mais aberto. Com a necessidade de reforçar a marcação surge o 4x4x2, com o recuo de um atacante e o meio campo formado por quatro atletas (RIBAS, 2010,p.493).

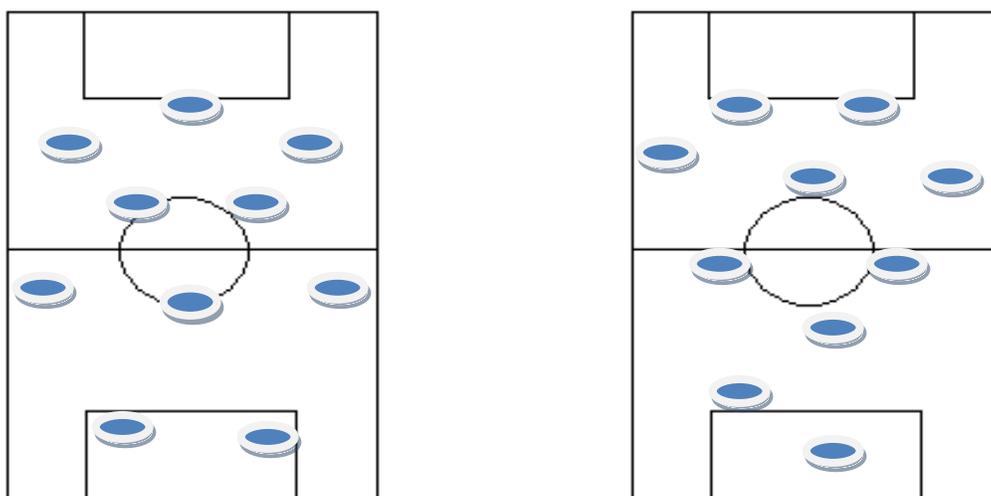


Figura 7: Evolução dos sistemas de jogo a partir do ano 2000.

A partir do mundial de 2002 observou-se uma volta ao sistema com três zagueiros e que deu certo, a seleção brasileira conquistou o mundial, jogando no 3x5x2, mas muitas equipes variavam seus esquemas em 4x4x2 ou 4x5x1.

Já nas figuras seguintes destaca-se os sistemas utilizados pelos seis últimos finalistas mundiais de futebol, mesmo sendo destacados brevemente acima observa-se novamente com mais aprofundamento o que foi utilizado nas três últimas Copas. Mesmo que momentaneamente ou inicialmente estes eram os desenhos formados pelos atletas em campo. Pertinentemente estas equipes mantinham suas formações iniciais, visto que as mesmas conquistaram seus objetivos, mas para experts ocorriam mudanças dentro do jogo que na maioria das vezes não era percebida pela maioria do público.

Na figura 8 observa-se a formação do selecionado brasileiro na Copa de 2002, onde o sistema escolhido era 3x5x2. Este sistema é composto inicialmente por três zagueiros com características bem definidas “bons marcadores”, o meio campo é formado por cinco jogadores, sendo que dois atuam pelas alas do campo e os outros três compõem a zona central do campo, já a frente é composta por dois atacantes (MELO, 1999).

Nota-se que neste sistema de jogo pode-se utilizar no meio campo dois jogadores com maiores características de marcação e apenas um armador de jogadas, o Brasil jogou desta forma, com dois volantes mais recuados tendo a função de marcadores e de fazer a cobertura dos alas e um meia mais adiantado tendo a liberdade de movimentar dos dois lados do campo e com uma aproximação aos atacantes.

Em algumas situações ocorriam trocas e um zagueiro ou volante era substituído por mais um jogador de criação de jogadas, mas o sistema 3x5x2 prevaleceu na campanha vitoriosa do Brasil.

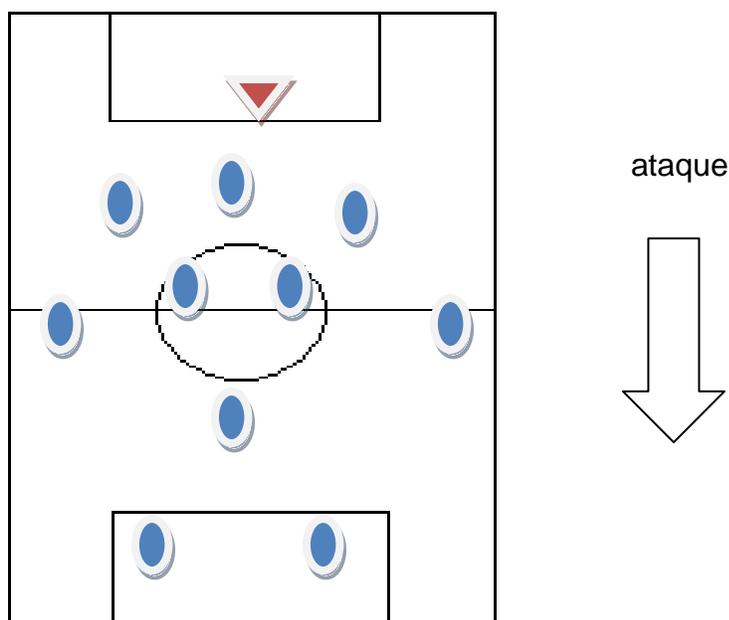


Figura 8: O 3x5x2 da seleção brasileira em 2002.

O sistema 3x5x2 vem da escola europeia e muitos treinadores brasileiros tem usado este sistema como forma de corrigir algumas deficiências defensivas das equipes (DRUBSCKY, 2003, p.126). Mas esta formação passa uma falsa impressão de defensiva, pois os laterais atuam como alas e são praticamente mais dois atacantes, visto que a cobertura do apoio ao ataque é realizada por um dos meio campistas defensores e até mesmo por um dos zagueiros.

A figura 9 destaca-se a seleção alemã, vice campeã em 2002. No desenho observa-se uma formação evoluída no futebol, podendo ocorrer diversas variações táticas no sistema utilizado, sendo esta uma característica marcante no futebol alemão, jogadores inteligentes, com um grau elevado do entendimento do jogo. O treinador utilizava um 4x5x1, que variava rapidamente para um 4x3x3 quando a equipe atacava o adversário.

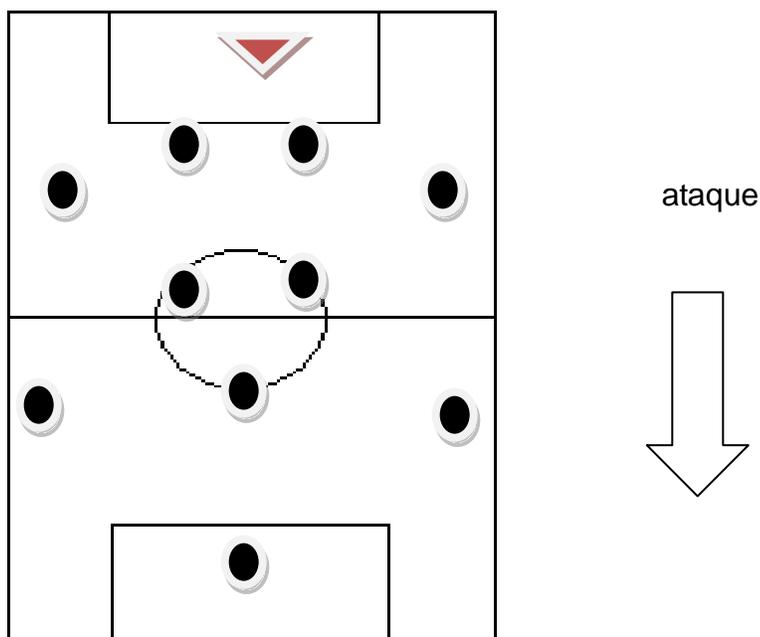


Figura 9: O 4x5x1 ou 4x3x3 da seleção alemã em 2002.

A análise da movimentação de quando se ataca e quando se defende deve ser feita através dos atletas que atuavam nas laterais do campo no setor ofensivo, que quando estavam no ataque se deslocavam para laterais do campo para opção de passe ou abrir espaço para o avanço de um meio campista ofensivo ou para o atacante mais fixo. Na perda de bola eles recuavam até o meio campo contendo o avanço dos meias adversários. Drubscky (2003), cita que o 4x3x3 representou uma considerável evolução tática no futebol, pois o simples posicionamento dos atletas em campo já demonstrava a preocupação dos técnicos em ocupar todos os espaços do campo.

A figura 10 destaca-se o sistema utilizado pela seleção italiana no mundial de 2006 na Alemanha, a formação observada é um 4x4x2, que muitos classificavam como um 4x4x1x1, pois um dos atacantes atuava um pouco mais recuado, apoiando o meio campo na função de marcação. No sistema 4x4x2 a distribuição dos jogadores apresenta, quatro atletas previamente definidos como defensores, sendo um lateral direito, zagueiro central (lado direito), um quarto zagueiro (lado esquerdo) e um lateral esquerdo. O setor de meio campo dispõe de quatro atletas e o setor ofensivo de dois atacantes (MELO, 1999).

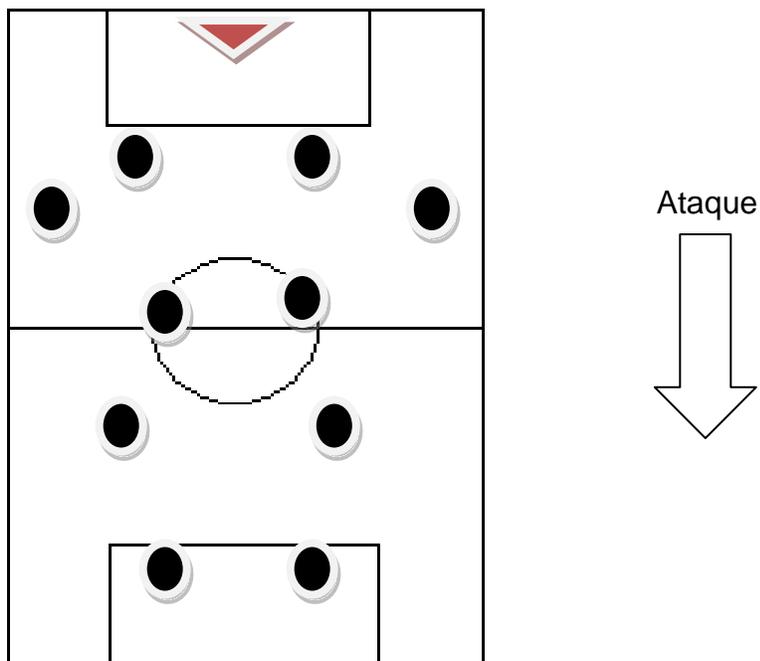


Figura 10: O 4x4x2 da seleção italiana em 2006.

O 4x4x2 surge com a alta competitividade do futebol moderno que transferiu de vez a decisão dos jogos para o meio campo (DRUBSCKY, 2003,p.123).

A figura 11 destaca o desenho tático escolhido pela comissão técnica francesa durante o mundial da Alemanha 2006, o sistema é bem parecido com o utilizado pela seleção alemã no mundial de 2002, ocorrendo somente uma variação, a França atuava com dois meias com características mais ofensivas, ou seja, também pode ser definido com o um sistema 4x5x1 ou 4x3x2x1, nesta maneira de atuar deve ser utilizado defensores com características bem definidas de marcação, com coberturas e antecipações de jogadas precisas pois contra ataques rápidos podem ocasionar espaços no setor defensivo e conseqüentemente derrotas.

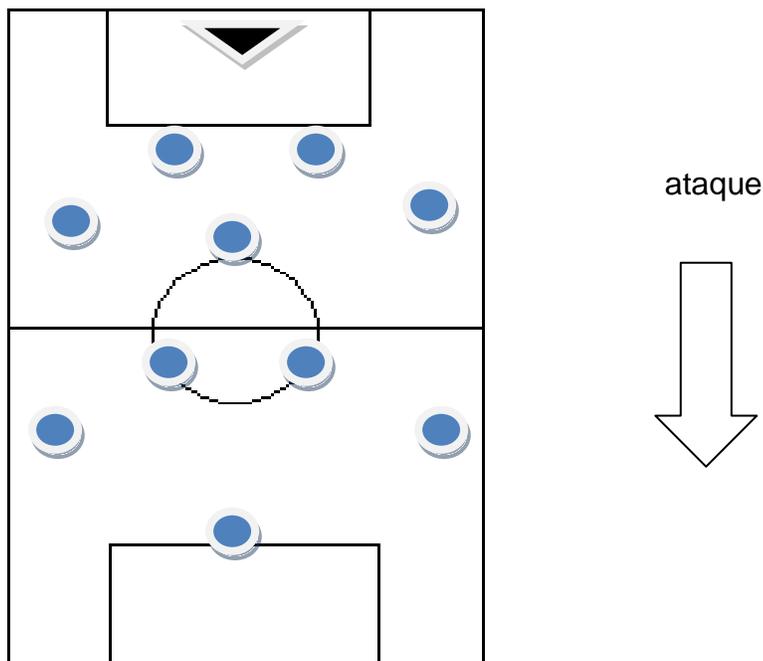


Figura 11: Sistema 4x3x2x1 da seleção francesa em 2006.

Desta forma a seleção francesa chegou em duas finais nos quatro últimos mundiais (finalista em 1998 e 2006). Estas evoluções na forma de jogar dependem de atletas conscientes taticamente e bem condicionados fisicamente, pois requerem um alto poder de recomposição na perda da bola e uma saída bem rápida para o ataque no momento ofensivo de sua equipe. Com a descida dos atacantes (os que atuam pelas laterais do campo), ocorre a formação de um tripé no meio campo para cobertura em um possível contra ataque.

A figura 12 revela o sistema de jogo que a seleção holandesa utilizou no mundial da África do Sul e á levou até a final do mundial. A equipe atuava no 4x3x3 com variação para um 4x2x3x1, sendo estas modificações observadas em alguns momentos do jogo. O estudo do jogo em si, revela uma evolução muito grande nos sistemas utilizados no mundial de 2010, tanto a seleção holandesa como a espanhola encontraram formas parecidas de jogar, talvez para um torcedor este jogo não

demonstra uma beleza plástica, mas para experts e estudiosos do futebol a movimentação dos atletas dentro do jogo revela um avanço tático e um retrocesso ao passado, quando se utilizava três ou mais atacantes. O avanço deve ser citado a partir da análise da movimentação dos atletas, observa-se muitas vezes os meia atacantes fazendo a marcação até a intermediária do seu campo defensivo e após uma retomada da posse de bola ocorre uma saída veloz ao campo de ataque, neste momento que se destaca uma volta ao passado onde as equipes atuavam com três ou quatro atacantes, sendo dois deles ponteiros que jogavam bem próximos as linhas laterais ofensivas e durante o mundial destacou-se estes sistemas. GODIK (1996) citado por Cunha; Binotto; Barros (2001) relata que o futebol moderno requer que os jogadores estejam em constante deslocamentos, estando com ou sem posse de bola, e esse aumento considerável de suas funções lhes rendeu inclusive a denominação de jogadores “universais”.

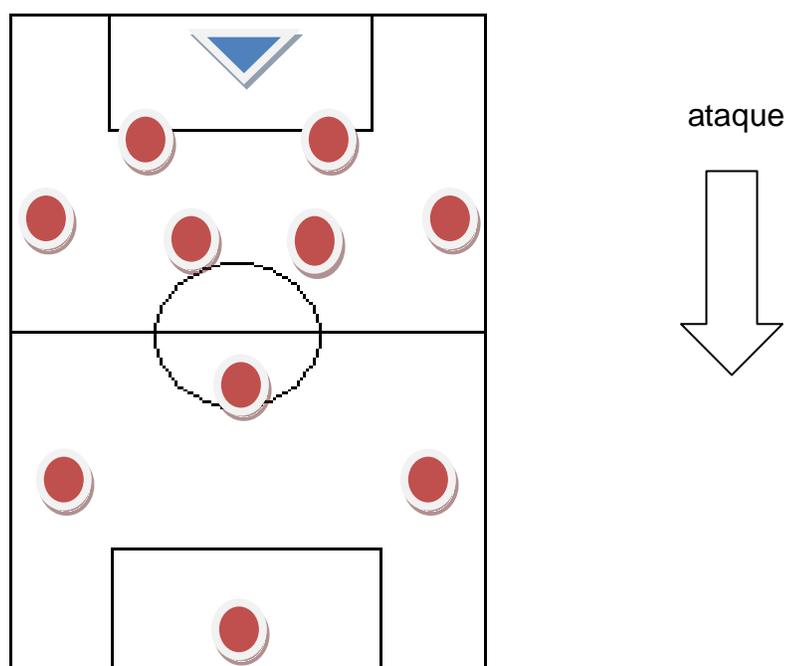


Figura 12: Sistema de jogo 4x2x3x1 da seleção holandesa em 2010.

A figura 13 revela uma formação parecida com utilizada pela Holanda, a seleção espanhola que pela primeira vez conquistou o título mundial, utilizou também um sistema 4x2x3x1, que na verdade é uma variação moderna do 4x3x3, pois seus

jogadores de meio campo apóiam ao ataque no momento em que a equipe está em posse de bola e no momento da marcação os mesmos se encontram atrás da linha da bola auxiliando os defensores na marcação. Verifica-se neste sistema uma evolução nos sistemas de jogo, com jogadores conscientes em suas funções, inteligentes taticamente e com um grande poder de tomada de decisão em momentos cruciais da partida. Um grande dado para verificar está evolução é que os dois meio campistas do selecionado espanhol estão entre os três melhores atletas de futebol do ano de 2010, escolhido pelos treinadores das seleções e capitães das equipes do futebol mundial, eleição realizada pela FIFA.

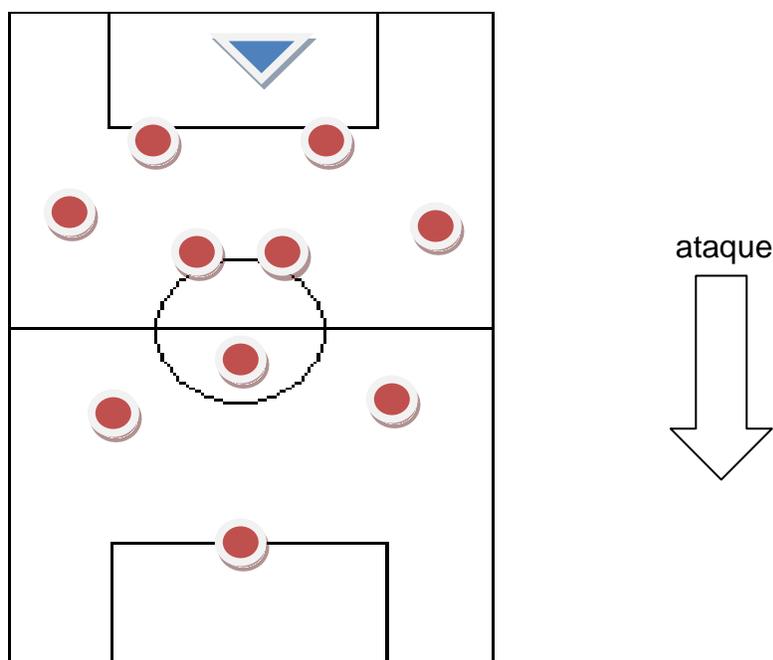


Figura 13: Sistema 4x2x3x1 da seleção espanhola em 2010.

Sendo 4x2x3x1 ou um 4x3x3, observou-se um grande marco nos sistemas de jogo, pois a desenvoltura e as movimentações dos atletas se devem muito a preparação física que proporciona aos atletas a capacidade de atuar nesta forma intensa de jogar durante 90 minutos ou mais.

De acordo com os estudos e análises descritos acima verifica-se a eficiência de cada sistema, dentro dos objetivos propostos pelas comissões técnicas, que quando

utilizados de forma correta auxiliam na busca por resultados positivos. Destaca-se a seguir como as variáveis, número de gols, faltas e o sistemas de jogo proposto por cada treinador podem ter contribuído para o sucesso das equipes e se ocorreram evoluções que influenciaram nestas conquistas.

3 – METODOLOGIA

3.1 – CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Para construção deste estudo optou-se por utilizar uma pesquisa do tipo descritiva, explicativa e documental. No que se refere a análise descritiva, o objetivo foi estudar a relação entre as variáveis: número de faltas, cartões e número de gols a favor e contra, de cada uma das seleções envolvidas nas finais dos três últimos mundiais, incluindo também os números totais destas variáveis em cada Copa do Mundo. Observou-se também os sistemas táticos utilizados pelas equipes e a distribuição de gols pelos atletas de cada equipe. Na análise explicativa identifica-se os fatores que determinam e contribuem para que fosse observada alguma evolução ou declínio nas variáveis estudadas. Para a avaliação documental explora-se fontes documentais por meios virtuais e online da FIFA através de utilização de índices técnicos (scout) das variáveis e o estudo de Ribas (2010). Foram contabilizados o número total de gols e número de cartões e faltas que determinada equipe cometeu durante aquele mundial, chegando assim o somatório e média de faltas e gols por jogo.

3.2 – AMOSTRA

A amostra foi composta por um total de trinta e nove partidas que as seis equipes disputaram nos três mundiais, sendo seis partidas até a final para cada equipe e a final, completando assim treze partidas analisadas em cada torneio. Além da análise do total de gols, faltas e cartões do torneio.

3.3 – VARIÁVEIS

- Número de faltas e cartões
- Número de gols
- Sistemas de jogo utilizados pelas equipes

3.4 – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Para coleta dos dados foram pesquisados o “scout” de cada partida que estavam envolvidos os finalistas através do site da FIFA, catalogando os gols, faltas e cartões das equipes. Da mesma forma utilizou-se o trabalho de Ribas (2010) pesquisando e catalogando estes mesmos dados, desta forma pôde-se comparar os números analisados em duas fontes e determinar as variáveis pesquisadas.

3.5 - PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

Foi realizada uma pesquisa observacional para determinar o índice técnico de cada uma das 39 partidas das seis seleções. Fonte de dados fora o site da FIFA e dados coletados por Ribas (2010), computando os gols marcados, a posição (zagueiro, lateral, meio campista ou atacante) do atleta que realizou o gol, o número total de gols daquele mundial, a média de gols da equipe e de todo o torneio, número de faltas daquela equipe e de toda Copa do Mundo, além de uma análise dos sistemas táticos utilizados por cada seleção.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os aspectos gerais dos resultados obtidos das variáveis do estudo são descritos abaixo. Em cada quadro foram descritos separadamente os valores encontrados para cada competição e ao final fez-se uma comparação entre os torneios, verificando as evoluções ou declínios em cada variável.

Quadro 1: Análise descritiva de gols á favor da Copa do Mundo de 2002.

Copa do Mundo	Número de gols total	Número de jogos	Média de gols por jogo	Número de gols campeão	Número de jogos campeão	Média de gols do campeão	Número de gols vice	Número de jogos vice	Média de gols do vice
2002	161	64	2.5	18	7	2.6	14	7	2.0

Quadro 2: Análise descritiva de gols á favor da Copa do Mundo de 2006.

Copa do Mundo	Número de gols total	Número de jogos	Média de gols por jogo	Número de gols campeão	Número de jogos campeão	Média de gols do campeão	Número de gols vice	Número de jogos vice	Média de gols do vice
2006	147	64	2.3	12	7	1.7	9	7	1.3

Quadro 3: Análise descritiva de gols á favor da Copa do Mundo de 2010.

Copa do Mundo	Número de gols total	Número de jogos	Média de gols por jogo	Número de gols campeão	Número de jogos campeão	Média de gols do campeão	Número de gols vice	Número de jogos vice	Média de gols do vice
2010	145	64	2.2	8	7	1.1	12	7	1.7

Nestes 3 primeiros quadros observa-se um declínio no número de gols de uma edição para outra, mesmo que do ano de 2006 para 2010 este número foi praticamente igual. Como o número de partidas destes mundiais são semelhantes pode-se fazer uma análise que do mundial de 2002 para o mundial de 2010, obtivemos uma queda de 16 gols, sendo que o campeão de 2002 marcou mais do que o dobro de gols do campeão de 2010 e mesmo o vice campeão do ano de 2002 superou todos os outros campeões e vices dos anos seguintes. Desta forma a média de gols obtida do mundial de 2002 para o mundial de 2010 teve um declínio. Os gols do campeão de 2002

equivaleram a 11% dos gols do mundial daquele ano. Em 2006 este número caiu para 8% e em 2010 diminuiu mais ainda, chegando somente aos 5%.

Da mesma forma obteve-se os valores dos gols sofridos por estas seis seleções nos três últimos mundiais.

Quadro 4: Análise descritiva de gols sofridos da Copa do Mundo de 2002.

Copa do Mundo	Número de gols sofridos pelo campeão	Número de jogos	Média de gols sofridos pelo campeão	Número de gols sofridos pelo vice	Número de jogos	Média de gols sofridos pelo vice
2002	4	7	0,57	3	7	0,43

Quadro 5: Análise descritiva de gols sofridos da Copa do Mundo de 2006.

Copa do Mundo	Número de gols sofridos pelo campeão	Número de jogos	Média de gols sofridos pelo campeão	Número de gols sofridos pelo vice	Número de jogos	Média de gols sofridos pelo vice
2006	2	7	0,28	3	7	0,43

Quadro 6: Análise descritiva de gols sofridos da Copa do Mundo de 2010.

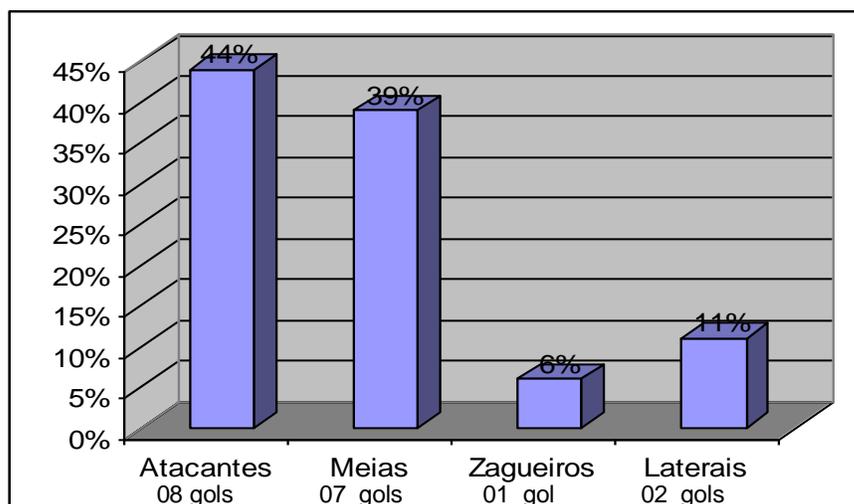
Copa do Mundo	Número de gols sofridos pelo campeão	Número de jogos	Média de gols sofridos pelo campeão	Número de gols sofridos pelo vice	Número de jogos	Média de gols sofridos pelo vice
2010	2	7	0,28	6	7	0,86

Da mesma forma que o campeão de 2002, teve um valor maior de gols a favor, também obteve uma maior média de gols contra, já em 2006 e 2010 observa-se uma queda na média de gols sofridos, talvez pelo aumento na eficácia do setor defensivo ou pela preocupação de não levar gol primeiro. A média caiu de 0,57 para 0,28, contabilizando os dados dos campeões.

A distribuição de gols pelos atletas da equipe podem demonstrar um equilíbrio dentro do sistema de jogo e uma participação maior dos atletas e desta forma evitando que os adversários encontrem uma maneira de neutralizar os jogadores mais eficazes, pois toda equipe tem uma participação considerável. Desta forma, Saes, Jesus e Souza (2007, p.1288) citam que em 2002 a seleção brasileira utilizou 17 atletas para as manobras dos 18 gols que a seleção realizou.

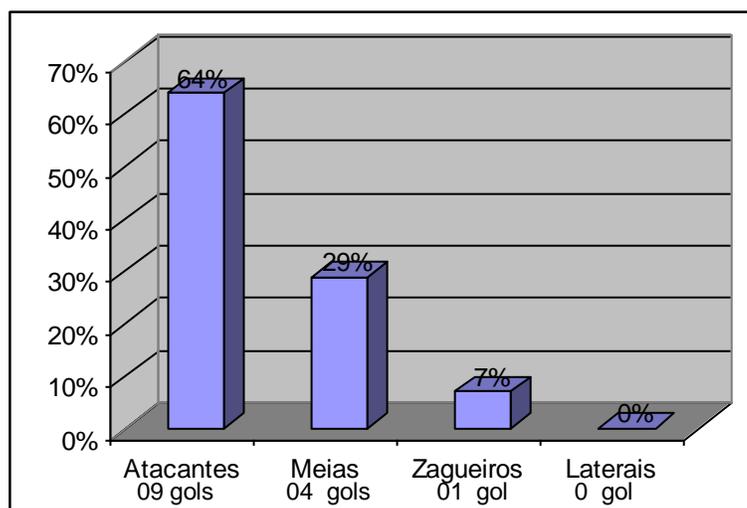
Abaixo verifica-se estes dados, onde consta a participação dos atletas, dividido por sua função tática (zagueiros, meio campistas, laterais, atacantes e gol contra) nos gols de suas respectivas seleções.

Gráfico 1: Distribuição de gols da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2002.



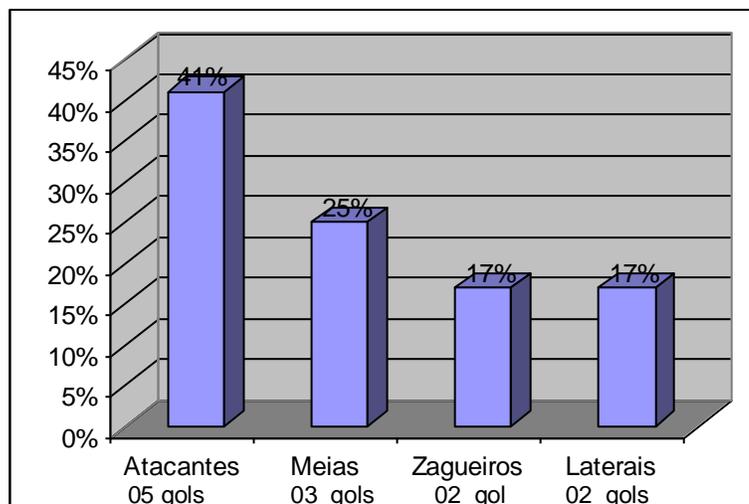
Observa-se uma participação maior dos atacantes com 44% dos gols marcados, os meio campistas contribuíram com 39% dos gols, os laterais com 11% e os zagueiros com 6%. Ocorreu uma distribuição dos gols com a participação de todos os setores do time nos tentos assinalados.

Gráfico 2: Distribuição de gols da seleção alemã no mundial de 2002.



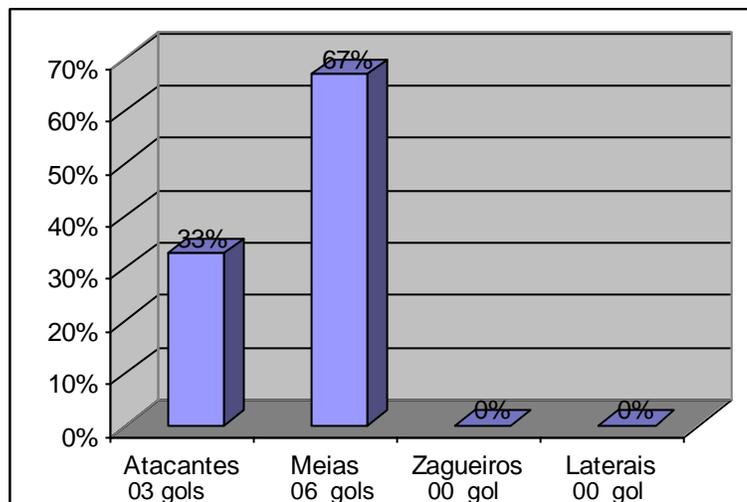
Já a seleção alemã concentrou a maioria de seus gols nos atacantes com 64% e meio campistas com 29%, já os zagueiros foram responsáveis por somente 7% dos gols.

Gráfico 3: Distribuição de gols da seleção italiana na Copa do Mundo de 2006.



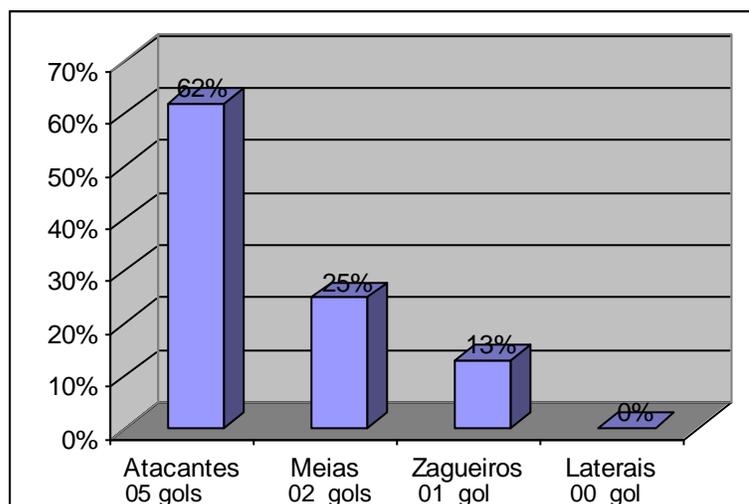
No gráfico 3 observa-se um grande equilíbrio na distribuição dos gols do selecionado italiano, no total dos 12 gols assinalados durante o mundial 41% foram feitos pelos atacantes, 25% pelos meio campistas e 17% para os zagueiros e também 17% para os laterais. Pode-se pensar que desta forma a equipe sempre apresentará um elemento surpresa nos ataques contra a equipe adversária, o que realmente ocorre, sendo que os laterais surgem como atacantes no momento do contra ataque e as jogadas de bola parada (escanteio, faltas laterais alçadas na área), têm grande contribuição para este desempenho.

Gráfico 4: Distribuição de gols da seleção da França durante o mundial de 2006.



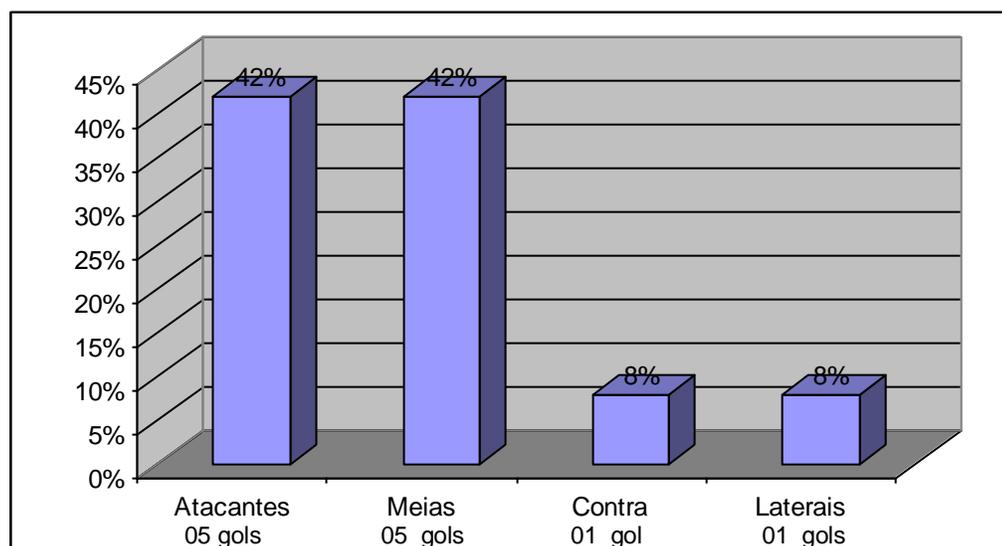
Uma considerável diferença em relação a seleção italiana é notada no gráfico acima, observa-se que os gols da seleção francesa foram marcados somente por atacantes com 33% e meio campistas com 67%.

Gráfico 5: Distribuição de gols da seleção espanhola no mundial de 2010.



Da mesma forma revela-se que a seleção espanhola obteve pouca distribuição de seus oito gols na Copa do Mundo, somente três atletas fizeram os gols, sendo quase 62% sendo feito pelo mesmo atacante, 25% pelo mesmo meio campo e pouco mais de 12% sendo feito por um zagueiro.

Gráfico 6: Distribuição de gols da seleção da Holanda no mundial de 2010.



Neste gráfico ocorre pouca distribuição dos gols mas uma igualdade nos setores de ataque e meio campo que fizeram juntos 84% dos gols durante o torneio, sendo 42% para cada setor, as laterais contribuíram com 8%, assim como um gol contra com os também 8%.

Desta forma concluí-se que independente da forma de distribuição dos gols cada equipe possui um sistema de jogo que os levou a grandes participações nos torneios pesquisados, mas também pode-se observar uma ilustração de como estas manobras para se chegar ao gol pode acontecer de formas variadas, com atacantes se sobressaindo, como o de costume, mas com participações importantes de outros setores, no caso do título do Brasil em 2002 e da Itália em 2006.

Abaixo situa-se a variável número de faltas, cartões amarelo e vermelho que cada uma das equipes cometeu no respectivo mundial, desta maneira pode-se realizar uma comparação dos resultados encontrados.

Quadro 7: Número de faltas e cartões do campeão e vice da Copa do Mundo/2002

Copa do Mundo	Número de faltas do Campeão	Número de jogos	Média de faltas	Cartões amarelo campeão	Cartões vermelho campeão	Número de faltas vice	Número de jogos	Média de faltas	Cartões amarelo vice	Cartões vermelho vice
2002	106	7	15,2	7	1	133	7	19	16	1

Quadro 8: Número de faltas e cartões do campeão e vice da Copa do Mundo/2006.

Copa do Mundo	Número de faltas do Campeão	Número de jogos	Média de faltas	Cartões amarelo campeão	Cartões vermelho campeão	Número de faltas vice	Número de jogos	Média de faltas	Cartões amarelo vice	Cartões vermelho vice
2006	106	7	15,2	11	2	125	7	17,8	16	1

Quadro 9: Número de faltas e cartões do campeão e vice da Copa do Mundo/2010

Copa do Mundo	Número de faltas do Campeão	Número de jogos	Média de faltas	Cartões amarelo campeão	Cartões vermelho campeão	Número de faltas vice	Número de jogos	Média de faltas	Cartões amarelo vice	Cartões vermelho vice
2010	81	7	11,6	8	0	126	7	18	22	1

No quadro 10 contabilizou-se os números totais de faltas e cartões distribuídos durante os mundiais de 2002, 2006 e 2010, fazendo-se também uma média desta variável.

Copa do Mundo	Número total de faltas	Média de faltas por jogo	Número total de cartões amarelos	Número total de cartões vermelhos
2002	2.300	36	260	17
2006	2.349	36,7	307	28
2010	2.011	31,4	245	17

Como observado, o mundial de 2006 foi o mais faltoso dos três analisados, com um número superior de faltas cometidas, cartões amarelo e cartões vermelhos.

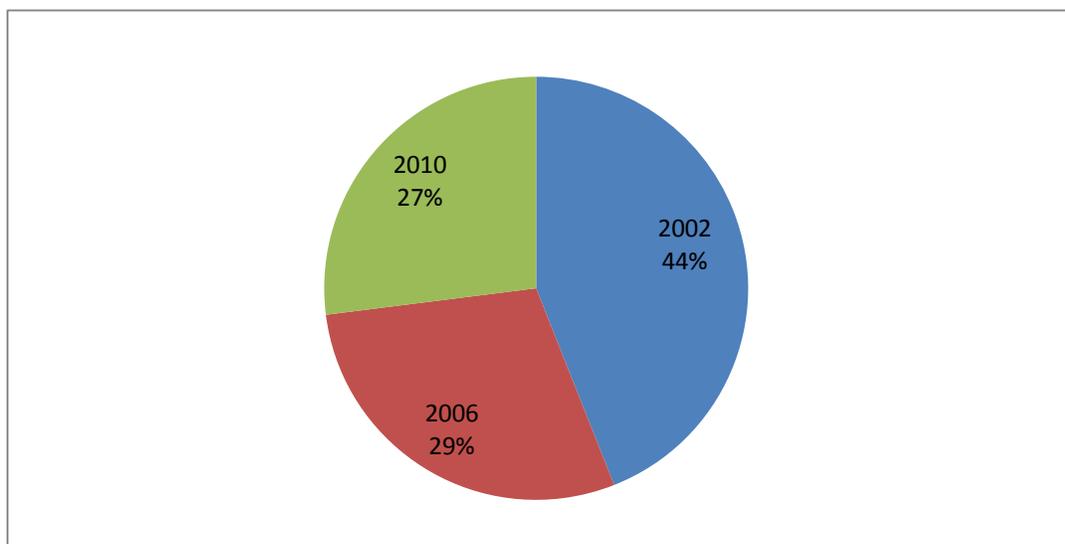
Lamas e Borges (2005, p.85), relatam que a busca incessante pelo resultado tem-se observado grande aumento no número de faltas cometidas durante as partidas

de futebol, ora por intenção, ora de maneira não intencional. Com valores aumentados no mundial de 2006 os árbitros foram mais rígidos em suas punições no próximo mundial. Em 2010 ocorreram cobranças na área disciplinar e as equipes se conscientizaram que com um jogador a menos em campo pode fazer uma grande diferença, ainda mais no que se diz respeito a uma Copa do Mundo. Esta variável teve uma redução no mundial de 2010, conscientizando assim as equipes e jogadores para um jogo mais limpo.

4.1 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

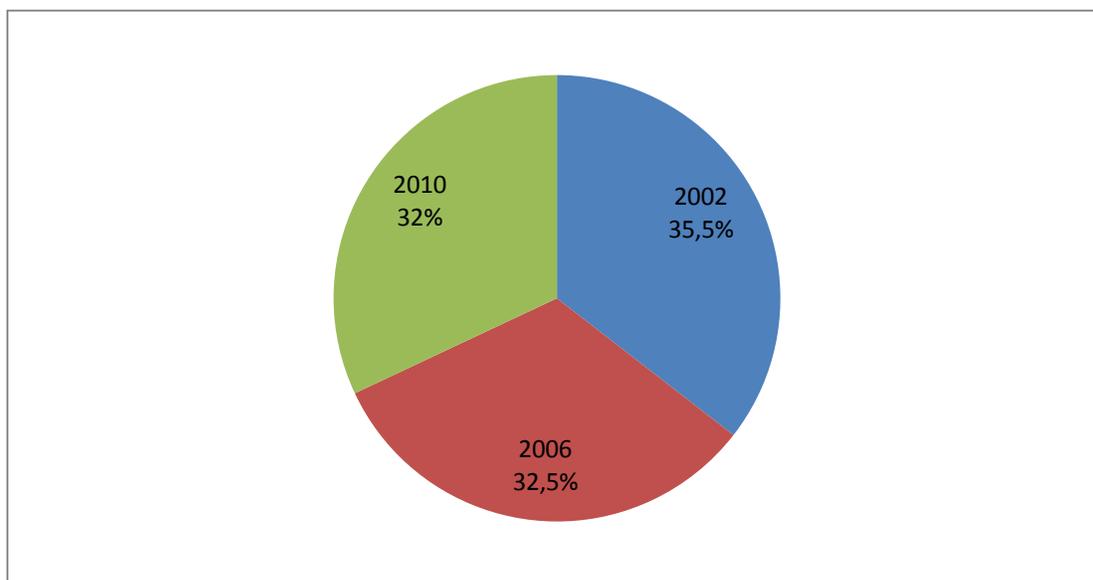
Nos gráficos a seguir serão ilustrados em porcentagem as variáveis pesquisadas neste estudo.

Gráfico 7: Porcentagem do número de gols que cada mundial representou no total das três últimas Copas do Mundo de futebol, somando os gols dos campeões e vice campeões.



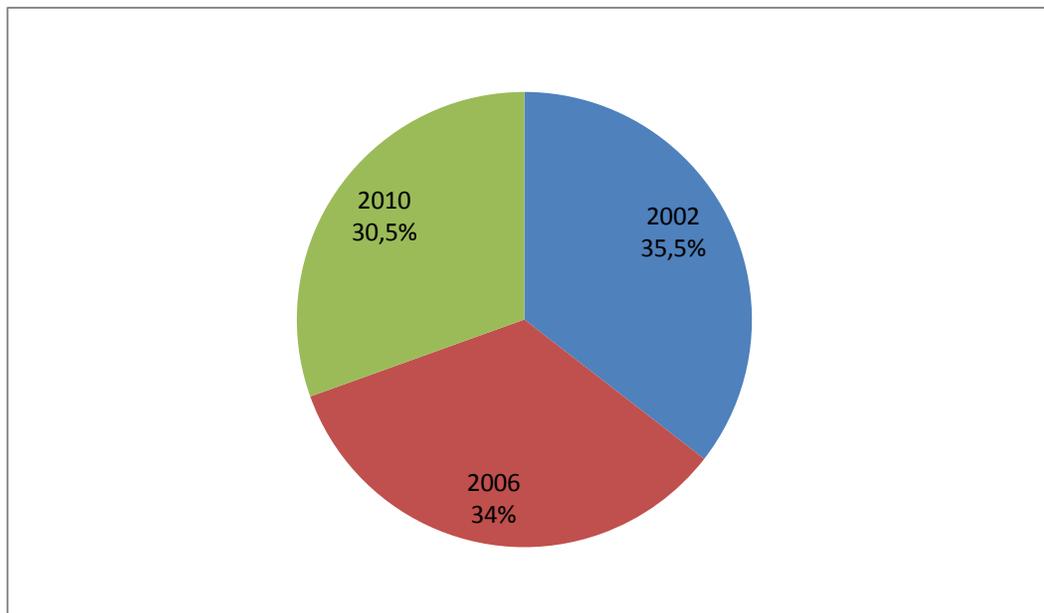
Fica bem claro como a Copa do Mundo de 2002 realizada em conjunto por Japão e Coréia do Sul a porcentagem de gols feitos pelos finalistas (Brasil e Alemanha) tem um percentual superior aos demais mundiais, ainda observa-se que mesmo com valores próximos em 2006 e 2010 a queda no número de gols dos finalistas caiu mais ainda. Brasil e Alemanha fizeram 32 gols juntos, o que representou os 44% no gráfico acima, já Itália e França fizeram juntos 21 gols com uma porcentagem de 29% e Espanha e Holanda fizeram somente 20 gols com uma porcentagem de 27%.

Gráfico 8: : Porcentagem de gols que cada mundial representou no total das três últimas Copas do Mundo.



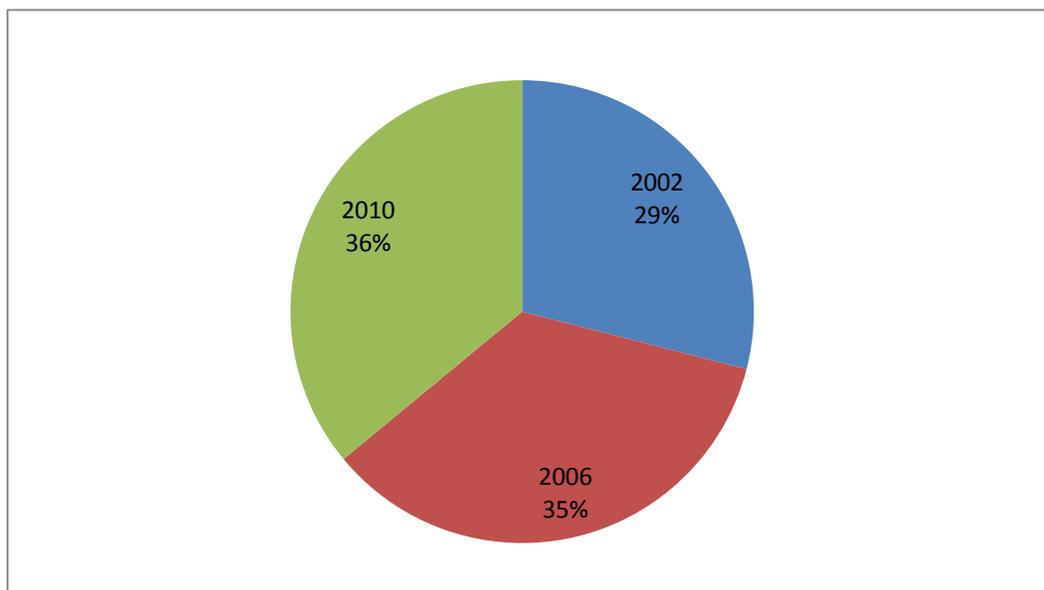
Analisando também todos gols feitos nos três mundiais, ou seja por todos os participantes, observa-se ainda um leve vantagem para o mundial de 2002, e uma vantagem mínima para o mundial de 2006 para o de 2010. Foram feitos 453 gols somando-se as três últimas Copas do Mundo, neste total 35,5 % de gols forma feitos em 2002, 32,5% em 2006 e 32% em 2010.

Gráfico 9: : Porcentagem do número de faltas que cada mundial representou na soma das três últimas Copas do Mundo, somando os resultados dos finalistas.



No gráfico 9 tenta-se buscar uma relação entre a queda no número de gols com o aumento no número de faltas, mas o que observa-se é uma relação bem estreita nos números e que o número de faltas diminuiu do mundial de 2002 para o mundial 2010. Brasil e Alemanha pararam o jogo por 239 vezes, representando 35,5 % do total, já Itália e França, fizeram 231 faltas com 34% do total e Espanha e Holanda fizeram 207 faltas representando 30,5% do total.

Gráfico 10: Porcentagem do número de cartões (amarelo e vermelho) que cada mundial representou na soma das três últimas Copas do Mundo, somando os números dos finalistas



Já no número de cartões (amarelo e vermelho) dos finalistas, encontra-se um aumento nos números de um mundial para o outro. Em 2002 foram distribuídos 25 cartões para Brasil e Alemanha, com uma representatividade de 29%, em 2006 Itália e França receberam 30 cartões sendo um total de 35% e em 2010 Espanha e Holanda receberam 31 cartões representando 36% do total de cartões da análise. Desta forma pode-se avaliar que os árbitros podem ter sido mais rigorosos em suas punições, principalmente pelo grande número de faltas da Copa de 2006, e para coibir o jogo faltoso aplicou mais cartões, ou os atletas mais rígidos na marcação com o receio de que determinada jogada poderia ocasionar gols contra sua equipe.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na observação dos sistemas de jogo utilizados por cada seleção observa-se uma evolução, ou seja, uma inovação dos sistemas básicos, como o 4x4x2 ou 3x5x2. A seleção brasileira campeã em 2002, utilizou o sistema 3x5x2, que para muitos era considerado um sistema defensivo, mas na prática foi ofensivo, com a Brasil chegando a expressiva marca de 18 gols naquele mundial. Observou-se que as equipes europeias utilizavam esquemas inovadores nos sistemas de jogo desde o mundial de 2002, onde atletas faziam funções de atacantes e meio campistas marcadores. É observável como a evolução depende das peças que serão utilizadas, somando-se as características dos atletas e também do envolvimento dos mesmos. Certo é que todos os sistemas foram eficazes, mesmo para os vice campeões e que o futebol com grandes movimentações e troca de posições de Espanha e Holanda no mundial de 2010, são interessantes de se ver e estudar.

Ainda conclui-se que nas variáveis observa-se um declínio do número de gols nos três últimos mundiais. No torneio de 2002 foram 161 gols com uma média de 2,5 gols por jogo, cita-se o campeão com 18 gols marcados e uma média superior a de todo o campeonato, já em 2006 a média caiu para 2,3 gols por jogo e diminui ainda mais em 2010, com 2,2 gols por jogo, mesmo que os números de 2006 e 2010 sejam bem próximos. Pode-se relacionar esta queda com sistemas de jogo mais equilibrados ou defensivos, prefere-se relacionar com sistemas mais equilibrados, onde atletas têm determinadas funções dentro do jogo e cumpre-as de tal forma que dificulta as ações ofensivas adversárias, não pode-se dizer que são defensivas pois desde o Brasil campeão em 2002 a Espanha campeã em 2010, observa-se no momento ofensivo do jogo pelo menos 5 atletas próximos a área adversária. É certo que os gols vêm diminuindo, desde que foi introduzido o mundial com 64 partidas, o ano de 2010 teve a pior média de gols. A diminuição dos gols pode estar relacionada com o número de faltas durante a partida, mas também não pôde ser comprovado por esta variável, pois detectou-se na pesquisa um declínio neste número do ano de 2002 para 2010, cita-se a seleção espanhola que cometeu somente 81 infrações durante todo o torneio. Um dado que interfere nesta variável é que o número de cartões aumentou de 2002 para

2010 (analisando os números dos finalistas), mesmo o número de faltas diminuindo. Talvez pelo rigor dos árbitros ou pelo rigor das faltas, pois as equipes preferem muitas vezes “parar” o jogo para evitar contra ataques. Menos gols, menos faltas, porém mais cartões distribuídos aos finalistas, desta forma observa-se uma grande preocupação em defender e não levar gols, sendo assim os árbitros foram mais rigorosos em suas punições para coibir o jogo faltoso e possibilitar aos atacantes uma maior chance de se chegar ao gol, que é o maior momento do jogo.

Com todos estes números e variáveis, ainda é possível discutir o que realmente define uma partida de futebol. Certo é que investigações acerca deste desporto estão crescendo na proporção da evolução científica que ele necessita. Porém, gols, faltas, troca de posições, variações táticas e novos sistemas serão implantados para que a paixão que o futebol desperta aumente cada vez mais e dificulte conclusões de como vencer uma partida onde se envolve infinitas variáveis.

Referências

AOKI, M.S. **Fisiologia, treinamento e nutrição aplicado ao futebol**. São Paulo: Editora Fontoura, 2002.

BARLETTA, F. G. **Análise da origem, ocorrência e execução dos gols no futebol**. Revista digital- Buenos Aires- Ano 14-no. 132, 2009. Disponível em:< www.efdeportes.com>. Acesso em: 23 jan.2011.

BENTO, J.O. Olhares e estudos da alma. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. **Futebol de Muitas Cores e Sabores**. Porto: Universidade do Porto, p.195-218, 2002.

CALDAS, W. **O Pontapé Inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Editora Ibrasa, 1990.

CAFRUNI, C. B. **Análise da carreira desportiva de atletas brasileiros**: estudo da relação entre o processo de formação e o rendimento desportivo. 2002. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto, Porto, 2002.

CAPINUSSÚ, J. M., REIS, J. **Futebol**: Técnica, Tática e Administração. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2004.

CUNHA, S. A., BINOTTO, M. R.; BARROS, R. M. L. Análise da variabilidade na medição de posicionamento tático no futebol. **Revista paulista de Educação Física**. São Paulo, v.15, n.2, p.111-116, jul./dez.2001.

DA LAPA, A. M. O. **A Importância de jogo e da Criatividade no âmbito da formação e performance em futebol**. Um estudo baseado na literatura e percepção de Treinadores. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física Universidade do Porto, Porto, 2009.

DA MATTA, R. O universo do futebol, In: GARGANTA, J., OLIVEIRA, J., MURAD, M. **Futebol de Muitas Cores e Sabores**. Porto: Universidade do Porto, p.77- 86, 2004.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social**: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DUARTE, O. **Futebol: Histórias e Regras**. São Paulo: Editora Makron Books, 1997.

DRUBSCKY, R. **O universo tático do futebol**: escola brasileira. Belo Horizonte: Editora Health, 2003.

FIFA – **Fédération Internationale de Football Association**. World Cup: tournament statistic 2002, 2006 e 2010. Disponível em: <www.fifa.com/worldcup>. Acesso em: 23 jan. 2011.

FONSECA, A. M. Revistando a relação entre a Psicologia do desporto e o futebol profissional. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. **Futebol de muitas cores e sabores**. Porto: Universidade do Porto, p.263-270, 2004.

GARGANTA, J. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. **Revista digital Educación Física e Deportes**, v.8, n.45, 2002. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 25 jan.2011.

GARGANTA, J. OLIVEIRA, J., MURAD, M. **Futebol de muitas cores e sabores**: reflexões em torno do desporto mais Popular do mundo. Porto: Universidade do Porto, 2004.

GIACOMINI, D. S. GRECO, P. J. Comparação do conhecimento tático processual em jogadores de futebol de diferentes categorias e posições. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v.8, n.1, p.126-136, 2008.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2002.

GOMES, A.C. **Apostila de Futebol**: preparação física. Londrina: Treinamento Esportivo,1999.

GRECO, P. J. ; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal 1**: Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

J.C.COSTA; et al. Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 2, n 4, p.7-20, Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 2002.

PÉREZ J. C.; GRECO P. J. A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual, **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.21, n.4, p.291-299, out./dez. 2007.

LAMAS, F. L.; BORGES, C. N. F.; Reflexões sobre o número de faltas no futebol brasileiro e sua interferência na dinâmica do jogo. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v.13, n.2, p.83-95,2005.

LÓPEZ, M.G. **Desarrollo y finalización de las acciones ofensivas**: análisis comparativo USA 94, Francia98 y Liga Española, 98-99, Disponível em: www.efdeportes.com/efd17a/mundial.htm. Acesso em: 23.jan.2011.

LEVINE, R. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, J. J. S. Be , WITTER, J. S. (Org.). **Futebol e cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

MASCARENHAS, G. Tensões e mudanças recentes na cultura e na gestão do futebol brasileiro: Entre a tradicional base local e as forças do mercado. In: GARGANTA,J.; OLIVEIRA,J.; MURAD,M. **Futebol de Muitas Cores e Sabores**. Porto: Universidade do Porto, p.87-100, 2004.

MELO, R. S. **Sistemas e táticas para futebol**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1999.

MORENO, J. Fundamentos del deporte. Análisis de las estructuras del juego deportivo. Barcelona, 1994.

MUTTI, D. **Futsal: da iniciação ao alto nível**. 2. ed. São Paulo: Editora Phorte, 2003.

PEREIRA, L. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POWERS, S.K., HOWLEY, E.T. **Fisiologia do exercício**: teoria aplicação ao condicionamento e ao desempenho. São Paulo: Editora Manole, 2000.

REBELO, A. N. A resistência no futebol, In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. **Futebol de muitas cores e sabores**. Porto: Universidade do Porto, p. 251-256, 2004.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1964.

RIBAS, L. V., **O Mundo das Copas**: as curiosidades, os momentos históricos e os principais lances do maior espetáculo do esporte mundial- São Paulo: Editora Lua de Papel, 2010.

RODRIGUES, F. X. F. **Modernidade, disciplina e futebol**: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. Porto Alegre: Sociologias, 2004.

SAES L.R, JESUS E.C, SOUZA F.B. **Análise quantitativa e qualitativa dos gols da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 2002**. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, XI e ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, VII. São José dos Campos, 2007, Universidade do Vale do Paraíba, 2007. Disponível em: <www.inicepg.univap.br/trabalhos>. Acesso em: 23 jan.2011.

SAMULSKI, D.; GRECO, P.J. Psicologia aplicada ao futebol: estudos realizados no Brasil In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. **Futebol de Muitas Cores e Sabores**. Porto: Universidade do Porto, p. 271-278, 2004.

WEINECK, E, J. **Futebol Total:** o treinamento físico no futebol, Guarulhos,S.P: Editora Phorte, 2000.